



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

LAURA VERÔNICA DA CONCEIÇÃO PINHEIRO ROSA

**MANHA DE PRETO VELHO:
UM REGISTRO DO GRUPO DE CAPOEIRA OÁSIS
– FEIRA DE SANTANA**

Cachoeira
2019

LAURA VERÔNICA DA CONCEIÇÃO PINHEIRO ROSA

**MANHA DE PRETO VELHO:
UM REGISTRO DO GRUPO DE CAPOEIRA OÁSIS – FEIRA DE
SANTANA**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof.Dr^a Suzane Tavares de Pinho Pêpe

Cachoeira
2019

LAURA VERONICA DA CONCEICAO PINHEIRO ROSA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 19 de fevereiro de 2019.

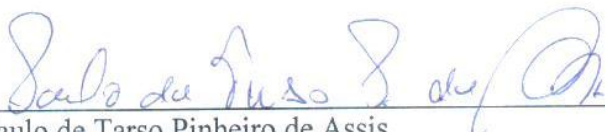
BANCA EXAMINADORA


Suzane Tavares de Pinho Pêpe

Doutora em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia


Carlos Alberto Santos Costa

Doutor em Arqueologia – Universidade de Coimbra (PT)
Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia


Paulo de Tarso Pinheiro de Assis

Licenciado em História – Universidade Estadual de Feira de Santana

*Este trabalho é dedicado aos meus pais e meus avós
que tanto lutaram para que pudesse ser quem eu
quisesse ser.*

AGRADECIMENTOS

Salve!

Agradeço inicialmente a Deus e a todos os meus Anjos de Luz e Guias.

Quero agradecer a todos que desde muito cedo já me estimulavam a estudar e a querer sempre mais, a Sr. Ronaldo (Painho) que sempre trabalhou muito pra que eu sempre tivesse o melhor, Sra. Mírian (Mainha) que sempre me “azuou” pra tirar boas notas e ser uma boa aluna, mesmo eu conseguindo somente as boas notas ela nunca desistiu de mim.

Obrigada, Sr. Josué (Tio Bal) por todas as vezes que o senhor pagou os meus estudos, obrigado por não me deixar “à toa”. Agradeço ao Sr. Josivaldo Pires (Mestre Bel) que, indiretamente, fez parte desse processo quando fez com que eu me apaixonasse por história, principalmente a nossa.

Quem seria eu se não fosse Seu Geraldo, meu Vô, (in memoriam) que queria que eu passasse na prova para entrar na Universidade, não importava o curso, não importava onde, ele sabia que eu queria e então ele quis também, agradeço a Deus por ter deixado meu Vô aqui tempo o suficiente para se alegrar comigo pelo valioso primeiro lugar na prova da UFRB. Agradeço a Dona Alaíde, minha Vó, que queria uma neta universitária, e aí de mim que não entrasse na universidade e fizesse mestrado e doutorado. Está a caminho vó, eu chego lá.

Não posso deixar de agradecer a Vinicius que convenceu meus pais a me deixar ir para Cachoeira e ainda se manter disponível para me ajudar durante toda a caminhada. A Maurício d’Oliveira que toda vez que precisei estava comigo, me ajudando em meus trabalhos e me estimulando a continuar, obrigada Muri. E o que dizer de meu *Chauffeur*? Todo seminário que precisava de uma apresentação de capoeira ou que tivesse muita coisa pra levar, Tenho estava pronto para dirigir, jogar capoeira e ainda me dava caldo de cana com pastel, obrigada!

Obrigada, Angélica, por cuidar de mim, me abrigar e me adotar, obrigada, mãe. Não tenho nem palavras pra agradecer a Gabriel, passou por poucas e boas comigo, me aguentou nas piores horas, passava noites e noites me explicando os assuntos e ainda tinha que aguentar meus lamentos, te agradeço demais, irmão, tu é um guerreiro! Agradeço ao meu quinteto Renata, Anapaula, Gildriele e Neise que permaneceram e permanecem comigo nas horas boas e ruins, sempre dando apoio e querendo o meu bem, *UMBUTU* pra nós, quero ficar velhinha com vocês na minha vida! *Merci, Maurício Conceição, je n’ai même pas à dire, Vous avez été très important dans ce processus!*

Tenho que agradecer a minha orientadora, Suzane, que foi muito mais que uma orientadora! Também contei com a ajuda de amigos maravilhosos para conseguir

escrever esse trabalho, Muri, Vini, Midori, Renata, ai de mim se não fossem vocês. Agradeço a Lise, que me recepcionava no Antares, mostrando absolutamente tudo sobre a museologia e o trabalho do museólogo, obrigada pelo incentivo, pelo carinho, por tudo.

Não posso esquecer do grupo Oásis que estava prontos para me ajudar a cada trabalho sobre capoeira principalmente aos meus Mestres Ronnie Prof. Binho (Jonas), prof. Mikão (Eduardo), Mano (Sérgio), prof. Ninja (Joselito), Prof. Presídio (Egídio), Instrutora Branca (Helena), Pujol, Prof. Boneco obrigada por tudo, e perdoem-me por todas as rodas que acabei mais cedo pra pedir que vocês me ajudassem nos trabalhos.

Termino agradecendo a ela, dona de mim, dona de tudo, a arte mais bela, a Capoeira; se não fosse pela capoeira eu nem teria saúde para estar aqui escrevendo, se hoje eu faço tudo o que quero e posso fazer o que quero é por que tive a capoeira na minha vida desde o dia que nasci; é da capoeira que sai o sustento da minha casa e dos meus estudos; foi a capoeira que permitiu que eu respirasse bem, e se hoje não há mais crises asmáticas foi porque ela me ensinou a respirar e condicionou meu corpo; foi na capoeira que eu aprendi a ser uma pessoa melhor e a respeitar o próximo, seja ele quem for, aprendi a história de meu povo, e como somos importantes, aprendi a dar valor as pequenas coisas e deixar de lado as futilidades do dia a dia; aprendi como é gostosa a simplicidade; foi por ela que dormi no chão, doente, várias vezes, radiante de alegria. Foi com ela que conheci minha Bahia, foi com ela que conheci outro país, com ela conheci pessoas maravilhosas a quem posso chamar de amigo, foi por ela que eu estudei, foi pra ela que eu estudei, é por ela que eu estou aqui, isso tudo é pra ela, não podia fazer isso tudo e deixar de agradecer a minha Capoeira.

Enfim, infelizmente não da pra colocar todos aqui, mas saibam que eu sei quem é cada um e não me esqueço de vocês nunca, gratidão, meu povo! Salve!

Capoeira é manha de preto velho
Nascido no tempo da escravidão
Capoeira levou a raça negra
Ao caminho de sua libertação
Eu vou dizer a você
E digo do fundo do coração
Essa luta essa dança brasileira
Faz meu corpo vibrar de emoção
De Nova York ao México
Do Rio de Janeiro até o Japão
É no toque do berimbau viola
Seja São bento grande ou angola
Deixa o corpo rolar normalmente
Vou dizer
Ê êê
Capoeira é do povo é da gente
Ê êê
Que jeito de lutar diferente
(Mestre Aranha)

RESUMO

Este trabalho aborda a capoeira, mais particularmente, o Grupo Oásis de Feira de Santana – Bahia, documenta as suas práticas. O Oásis se destaca pelos projetos sociais que desenvolve e que lhe fizeram alcançar visibilidade ao lado da prática da capoeira, jogo, luta, manifestação cultural e importante na educação. A capoeira foi por muito tempo marginalizada no Brasil, estando presente no código penal de 1988, porém hoje é reconhecida nacional e mundialmente como patrimônio cultural, importante na construção da identidade brasileira, praticada por muitos grupos no Brasil. O grupo Oásis tem sua fundação em 1996 pelo Mestre Ronnie Rasta e vem desde então exercendo influência sobre capoeiristas da região e cada vez mais ganhando o reconhecimento da sociedade feirense.

Palavras chave: Capoeira, Oásis, documentação, museologia, Feira de Santana

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. BLOCO DE CAPOEIRA OS NAGÔS.....	30
FIGURA 2. VERÃO DA CAPOEIRAGEM.....	30
FIGURA 3. BATERIA DO GRUPO OÁSIS.....	32
FIGURA 4. BERRABOI.....	33
FIGURA 5. GUNGA.....	33
FIGURA 6. VIOLA.....	34
FIGURA 7. PANDEIRO.....	34
FIGURA 8. AGOGÔ.....	34
FIGURA 9. RECO-RECO.....	35
FIGURA 10. ATABAQUE.....	35
FIGURA 11. BASE ESQUERDA.....	40
FIGURA 12. TROCA DE BASE.....	40
FIGURA 13. BASE DIREITA.....	40
FIGURA 14. BASE DA MEIA LUA DE COMPASSO.....	41
FIGURA 15. MEIA LUA DE COMPASSO.....	41
FIGURA 16. ESQUIVA AO FINAL DA MEIA LUA DE COMPASSO.....	41
FIGURA 17. MARTELO.....	41
FIGURA 18. ESQUIVA DE MEIA LUA.....	42
FIGURA 19. RASTEIRA.....	42
FIGURA 20. BORRACHA.....	43
FIGURA 21. BANANEIRA.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. CAPOEIRA.....	15
1.1. DO CÓDIGO PENAL AO RECONHECIMENTO MUNDIAL.....	17
2. O GRUPO OÁSIS EM FEIRA DE SANTANA	25
2.1. A FORMAÇÃO DO OÁSIS E O MESTRE RONNIE RASTA ...	26
3. A PRÁTICA DA CAPOEIRA NO OÁSIS.....	29
CONSIDERAÇÕES GERAIS	44
REFERÊNCIAS	47
APENDICE A.....	51

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade registrar a prática da capoeira no Grupo de Capoeira Oásis. Fundado em 17 de julho de 1996, situado em Feira de Santana, Bahia, o grupo Oásis está entre os grupos de capoeira de maior destaque na cidade de Feira de Santana, juntamente com a Associação de Capoeira Dois Antônio, criada em 1984, e o grupo São Francisco do Mestre Nonato e Angoleiros do Sertão do Mestre Cláudio.

A capoeira é uma manifestação da cultura popular que tem grande representatividade no Brasil levando o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a registrar a Roda de Capoeira em 2008¹ como patrimônio imaterial nacional. Em 2014, foi a vez da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) a fazer o registro desta manifestação², enquanto patrimônio imaterial da humanidade, por ser reconhecida como formadora da identidade nacional e de grande repercussão em outros países.

Os instrumentos inventário e registro não garantem por si só a proteção patrimônio imaterial. O registro é uma forma de reconhecimento público por parte do Estado sobre valor de um bem, mas é preciso que sejam concedidos direitos efetivos, para que as comunidades possam continuar desenvolvendo suas práticas e expressões culturais. Apesar das medidas oficiais, percebemos que a valorização da capoeira diante da sociedade, do poder público e, infelizmente, em alguns momentos, pelos próprios capoeiristas, é insuficiente, mesmo com todo o trabalho de conscientização social já realizado. Mesmo difundida em muitos países, a capoeira ainda é pouco valorizada em seu país de origem.

Capoeiristas prezam por fundamentos e preceitos, o que buscaremos mostrar em nosso trabalho. Levamos em conta também que cada grupo tem a sua realidade e suas peculiaridades, que advêm de vivências e interpretações dos mestres, passadas aos discípulos. A relação com a capoeira desde a infância e a aproximação com a vertente da Museologia voltada para o estudo de memória e documentação nos levou a tentar construir este trabalho de registro de um grupo, o que foi realizado entre os meses de julho de 2018 a janeiro de 2019.

¹ BRASIL. Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências

² Lista Representativa do Patrimônio Imaterial da Humanidade, 2014.

Trata-se de um exercício acadêmico que contribui para a sistematização dessa expressão cultural e para a reflexão do Grupo de Capoeira Oásis, de suas práticas e trajetória, pensando um pouco em sua inserção na cidade de Feira de Santana, o que poderá ser mais desenvolvimento em outro trabalho, porque o grupo desenvolve projetos de cunho tanto cultural quanto social.

Para Luís da Câmara Cascudo (1954, p.51), cultura é toda e qualquer tradição de um povo. Cascudo diz que já nascemos mergulhados na cultura, a cultura, portanto, está nos grupos sociais e é passada de uma geração a outra ao longo do tempo. Em sua origem etimológica, cultura vem do latim, de culto, ou seja, cultivar, cuidar.

Atualmente, a visão sobre capoeira vai de um conceito mais técnico corporal à uma filosofia de vida. Mas também é entendida por muitos como luta, jogo, dança ou esporte, movimento político, histórico.

A escolha pelo Oásis como objeto de estudo não se deu ao acaso, esta é uma maneira de trazer à luz reflexões sobre a prática do grupo mostrar a sua contribuição sociocultural. O Oásis já contribuiu para que mais de 300 jovens da criminalidade através de projetos, como o Mais Educação, Fundação de Apoio ao Menor de Feira de Santana (FAMFS), entre outros. Apesar de estar presente em quase todos os bairros da cidade, a capoeira ainda é pouco vista por quem não faz parte desta comunidade.

Documentação é uma área que emprega ações de coleta e reunião de dados sobre o objeto de estudo, seu processamento e disseminação de informações, sendo de interesse a sua análise. A pesquisa emprega fontes bibliográficas, registros orais e registros fotográficos, informações diversas sobre o objeto de estudo.

Trazemos, então, a documentação para que a o registro da trajetória do Grupo venha a ser uma ferramenta a mais para pesquisadores, capoeiristas e todos que queiram se aprofundar no que toca a capoeira em Feira de Santana contemporaneamente, as permanências e adaptações à realidade local contemporânea, seus códigos culturais, sua função social e educativa que vão transparecendo em nossa monografia.

A primeira questão que se põe é o que é documento. De acordo com Renata Cardozo Padilha documento é

[...] qualquer objeto produzido pela ação humana ou pela natureza, independentemente do formato ou suporte, que possui registro de informação. O documento pode representar uma pessoa, um fato, uma cultura, um contexto, entre outros. Ele se caracteriza como algo que prova, legitima, testemunha e que constitui de elementos de informação. (PADILHA, 2014, p. 13)

Além disso, todo documento apresenta forma e função, e dele são extraídas informações, as quais quando interpretadas emitem uma mensagem. A informação, por sua vez, está ligada ao ato de informar alguma coisa a alguém, no sentido de dar forma a alguma coisa. Assim ao documentar informações, devemos questionar o quê, para quê, para quem, como e quando documentamos.

Na busca de situar o grupo de capoeira Oásis, focamos em informações extrínsecas ao processo, e no registro das suas práticas concernentes aos treinos e as rodas. A pesquisa consiste em observações feitas e registro fotográfico, e análise e interpretação dos dados, recorrendo à descrição etnográfica. Também realizamos entrevistas que transcrevemos e pesquisa em periódicos sobre acontecimentos concernentes ao grupo em questão, a fim de chegar aos resultados.

A Etnografia serviu de base à documentação por ser um estudo descritivo da cultura de uma comunidade, podendo ser um instrumento que revela costumes, crenças e tradições de uma sociedade e conhecimentos que são passados pelas gerações permitindo assim a continuação de determinada cultura. François Laplantine compreende a etnografia não apenas como o fato de ver e compreender mas o fato de “o dar a ver aos outros”, sendo assim, a elaboração linguística da experiência do pesquisador.

Por fim, este trabalho também busca mostrar o que há para além da roda de capoeira, e como a sua prática interfere na vida de seus praticantes. Perceber que o ambiente da capoeira e suas dificuldades não mudaram muito, a capoeira ainda procura por liberdade. O que foi no passado marginalizado, hoje pode ser um meio para tirar jovens da marginalidade, mostrando-lhes outros caminhos a serem seguidos.

Além desta Introdução, este trabalho contém três capítulos onde será explicitado o tema num primeiro capítulo trataremos uma abordagem sobre a capoeira,

falaremos sobre as hipóteses de sua origem, a etimologia da palavra capoeira segundo alguns estudiosos. Contamos com um subcapítulo chamado “do código penal ao reconhecimento nacional” no qual é feita uma breve cronologia da história da capoeira, trazendo uma abordagem sobre o período em que era considerada um crime de vadiagem, no código penal de 1890 até a sua patrimonialização feita em 2008 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan. Em seguida teremos um capítulo dedicado a cidade de Feira de Santana e ao Mestre Ronnie, enfim terminamos com o registro das práticas do grupo Oásis.

1. CAPOEIRA: BREVE ABORDAGEM

A capoeira era uma prática presente em Salvador, no Rio de Janeiro e em algumas outras cidades, no século XIX. Praticada por africanos e descendentes e provavelmente, era praticada em zonas rurais pelos escravos, porém a sua origem ainda é cheia de incertezas, sendo usualmente associada aos povos banto.

Para Hellio Campos (2009, p.33), há duas hipóteses sobre o seu início, “uma afirma que a capoeira teria vindo para o Brasil trazida pelos escravos, e a outra considera a capoeira como uma invenção dos escravos no Brasil”, porém há estudiosos que supõem que a capoeira na verdade tenha origem indígena, vinda de algum tipo de brincadeira feita na mata nomeada capoeira na época do padre Anchieta.

É impossível saber com precisão a origem da capoeira por falta de documentos, pois tivemos perda de arquivos no Brasil, a exemplo dos documentos referentes à escravidão mandados queimar pelo Ministro da Fazenda Ruy Barbosa, no governo Deodoro da Fonseca. (CAMPOS, 2009, p.33) Iguamente, não temos a certeza que haveria referências à capoeira, ainda que já existisse no Brasil.

As dúvidas se intensificam quando se verifica que a palavra capoeira tem vários significados; vem sendo discutido entre seus estudiosos dedicados à etimologia, e o primeiro registro encontrado do termo está no *Vocabulário Portuguez e Latino* (Lisboa, 1712), da autoria do Padre Rafael Bluteau, fazendo referência a uma espécie de gaiola onde ficavam galinhas e cesto de terra usado na edificação de fortalezas. (BLUTEAU, 1728, p.231) Reaparece em 1813, quando Antônio Moraes da Silva cita a “Luta da Capoeira”, praticada por negros, mestiços e índios no Brasil, em seu livro *Dicionário da Língua Portuguesa*. (LUSSAC; TUBINO, 2009, p. 8), o que faz supor a sua existência desde o século anterior.

Em seu romance *Iracema* (1865), José de Alencar sugere que o termo capoeira vem do tupi *Caa-Apuamera*, significando “ilha de mato já cortado”. Além dele, outros estudiosos citados por Campos também falam sobre a capoeira, no sentido de roça ou mato cortado³.

³ De acordo com Campos, segundo Rego, Henrique Beaurepaire Rohan (1879) propôs que capoeira vem do tupi *Co-puera*, significando “roça velha” (1968, p. 17); já, para Macedo Soares (1880), o vocábulo vem simplesmente do guarani *Caápuêra*, “mato que foi”, atualmente mato miúdo que nasce no lugar do mato virgem que se derrubou; J. Barbosa Rodrigues (1887), no século passado registrou em seu livro *Paranduba Amazonense*, a forma *Caapoêra*; e para o Visconde de Porto Seguro, o termo certo é *Capoêra*.” Campos ainda menciona que há registros de uma ave que tem origem no Paraguai e Brasil chamada *Odontophores Capoeira-six*, conhecida por Uru. O termo define também

Como se vê, Antônio Moraes da Silva é então a primeira referência conhecida do século XIX a trazer a capoeira como uma luta. De acordo com Araújo (2005 apud LUSSAC; TUBINO, 2009): “A capoeira, enquanto prática corporal, começou a ser documentada na primeira década do século XIX no Rio de Janeiro, designando também seu praticante”. A terminologia empregada nos arquivos policiais do Rio de Janeiro do século XIX, para a luta era “capoeiragem”, praticada por grupos urbanos. Essa fase da capoeira é de forte tensão entre elites e “capoeiras”, como eram denominados seus praticantes. (PIRES, 2004 apud LUSSAC; TUBINO, 2009, p.8)

Existem documentos e evidências que apontam a presença da capoeira em vários outros lugares além do Rio de Janeiro, na Bahia, região metropolitana de Pernambuco, em São Luís, Belém do Pará e São Paulo (capital e interior) entre o segundo quartel do século XIX e início do XX. (LUSSAC; TUBINO, 2009, p.9)

Como mostra Adriana Albert Dias, na Bahia:

Apesar de alguns cronistas baianos referirem-se à existência da capoeira em Salvador entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, fenômeno este que aparecia supostamente tanto em conflitos reais como em festas e brincadeiras populares; e apesar da capoeira ter sido criminalizada pelo código Penal de 1890, na Bahia ainda não foram localizados processos ou prisões por crime de capoeiragem.

Isso não significa que não tenham ocorrido, mas a situação não parece ser como a que ocorria na cidade do Rio de Janeiro, onde foi muito marginalizada pelas elites e reprimida por seu caráter agressivo, visto como resistência na historiografia recente. Na Bahia também há registros dos capoeiras na defesa de terreiros, Jorge Amado retrada isso muito bem em seu livro, “Tenda Dos Milagres”.

um tipo de “cesto para guardar capões” muito usado por escravos que vendiam galinhas. (CAMPOS, 2009, p. 35).

1.1. DO CÓDIGO PENAL AO RECONHECIMENTO MUNDIAL

A capoeira teve sua história contada oficialmente por memorialistas que se interessavam pelas tradições populares de matrizes africanas, a exemplo de Alexandre de Melo Moraes Filho, este escreve *Capoeiragem e capoeiras célebres* (1893), e Lima de Campos autor de *A capoeira* (1906), entre outros. Essa literatura aborda uma história da capoeira que remonta a meados do século XVI, quando portugueses instalados no Brasil decidem desenvolver o plantio de cana-de-açúcar trazendo africanos para trabalhar no cultivo.

Segundo Janine Braga e Saldanha (2014, p.118,119.), o transporte desumano, a má alimentação durante a viagem transatlântica, ao lado da vida de trabalho forçado, frequentes humilhações e castigos sofridos marcaram a escravidão. Não foram poucas as tentativas de fuga, normalmente cerceadas por capitães do mato que eram pagos para devolver a “mercadoria ao dono”. Nesse contexto surge a capoeira, como forma de defesa a tantas imposições não mais suportadas. Além das violentas punições em público, com instrumentos desenvolvidos apenas para disciplinar a força, viabilizar o sofrimento e a disciplina entre eles, os dominadores minavam psicologicamente através de costumes e valores culturais, impondo-lhes o uso da língua portuguesa e os “bons modos” segundo o catolicismo. (SALDANHA; BRAGA, 2014, p. 122)

Como mencionamos, ao longo do século XIX, a documentação demonstra a capoeira como marginal. Dois anos após o fim da escravidão, 1890, no Governo Deodoro da Fonseca, a capoeira continua a ser perseguida e acaba sendo tipificada como crime, por ser considerada uma manifestação subversiva, como consta no Código Penal, decreto número 847, de 11 de outubro de 1890:

Capítulo XIII -- Dos vadios e capoeiras Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor [...]

A pena imputada a quem fosse encontrado pela polícia praticando a capoeira seria de prisão celular, podendo chegar até dois meses, porém de acordo com o

Artigo 96, do Código Penal, as penas eram agravadas se fosse descoberto que o capoeirista pertencia a maltas ou bandos, que eram como um grupo de capoeira, porém eram organizados da mesma maneira que hoje, com dias de treino e roda por exemplo. Sendo elevada ao grau máximo se o capoeira fosse chefe ou cabeça delas dobrando a pena. Indo além, se o capoeirista fosse reincidente a pena poderia chegar a três anos de prisão. (Decreto nº 847, capítulo XII, artigo 403)

As penas poderiam piorar se fossem pegos em flagrante, desrespeitando a lei. Caso o capoeira fosse estrangeiro, as suas penas poderiam ser aumentadas, podendo ser deportado. As penas poderiam ainda ser acumuladas a outras presentes em outros artigos, como: ultraje ao pudor, lesão corporal, perturbar a tranquilidade pública além de porte de armas e homicídio, podendo chegar até dois anos de prisão celular. (Decreto nº 847, capítulo XII, artigo 403 ao 404) Tal lei permanece em vigor até o ano de 1941, quando deixa de ser crime e se torna esporte nacional brasileiro com a assinatura do decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril.

A capoeira passa a ser, contudo, praticada por pessoas de classe alta, passando a ser praticadas por políticos, universitários, militares a exemplo de Floriano Peixoto (militar e político, segundo presidente do Brasil) e, por sua vez, inclui as mulheres no processo, pois até então não entravam na roda da capoeira, porém sempre estiveram presentes nas rodas e participando indiretamente. (SALDANHA; BRAGA, 2014, p. 128)

Apesar do preconceito, a cultura do negro na Bahia despertou o interesse de autores que foram atraídos pelos estudos sobre raça e escreveram acerca da capacidade do negro em relação a do branco, mas também sobre a religiosidade, como Raimundo Nina Rodrigues, Manuel Querino, Arthur Ramos. (SANSONE, 2004, p. 73) A produção de uma literatura sobre aspectos da cultura negra no Brasil culmina com a realização dos congressos em Recife (1934) e na Bahia (1937), ocasião em que as manifestações de matrizes africanas saem dos livros, pois há a participação de sacerdotisas e mestres da cultura dita popular no segundo desses eventos. (SANSONE, 2004, p. 53)

Na mesma década Manuel dos Reis Machado, Mestre Bimba (1899 – 1974), apresenta a Capoeira Regional ao presidente Getúlio Vargas para que liberasse a sua prática, tirando-a do código penal (ocorrendo a *abolitio criminis*, segundo a doutrina jurídica). E assim acontece, a capoeira passa a ser classificada como instrumento de Educação Física.

Mestre Bimba começara a prática do jogo de capoeira aos 12 anos, por influência de seu pai, lutador de batuque, um tipo de luta africana. E começara a ensinar aos seus 18 anos.

Considerado um educador e visionário, Mestre Bimba criou normas a serem cumpridas pelos praticantes, possibilitando a participação apenas daqueles que tinham trabalho, alguma ocupação reconhecida ou eram estudantes, descaracterizando assim a imagem existente de vadios ou malandros dos praticantes da capoeira, tendo sido tal processo de organização denominado de “academização da capoeira”. (SALDANHA; BRAGA, 2014, p. 128)

Com o objetivo desenvolver responsabilidade, o mestre introduz regras rigorosas, proíbe seus alunos de praticar a capoeira na rua, adota uniformes e suas técnicas de aprendizado envolviam avaliações periódicas, sistema de graduação além de um curso especialização incorporando ética e disciplina como pontos indispensáveis de suas aulas. (SALDANHA; BRAGA, 2014, p. 127)

Então, tem início a uma nova caminhada para o capoeira que começa a assumir funções diferentes, agregando prática e fundamentos. Mestre Bimba começa a difundir seu projeto Capoeira Regional, sob o argumento de tê-la criado para o mundo. Ele leva a capoeira para os noticiários da época como “A Luta Regional Baiana”, sem nunca esquecer de apresentá-la também como um componente cultural. (CAMPOS, 2009, p.54)

Com maior visibilidade dada às manifestações populares da cultura vai crescendo a aceitação da capoeira, que, por sua vez, tem ligação direta com a educação, com um processo contínuo de formação. A capoeira trabalha estimulando seus aprendizes a estudar cada vez mais, transferindo para os seus praticantes valores e costumes que englobam a ideia de cortesia, delicadeza e civilidade, sendo também um processo de desenvolvimento das faculdades físicas e intelectuais.

A ótica sobre a capoeira amplia-se, assim é vista como um misto de dança, música, luta, acrobacias e jogo. Acontece dentro de um círculo, que é chamado de “roda”, formado pelos capoeiristas, que ficam de um lado e do outro da bateria formando uma meia lua, enquanto observadores fecham a roda à frente, caso não haja visitantes ou espectadores a roda é fechada pelos próprios capoeiristas. Pode ser praticada por qualquer pessoa que sinta interesse pelo jogo. O capoeira ou

capoeirista é o discípulo que segue o caminho do mestre. A participação em um grupo de capoeira independe de gênero, cor e profissão.

A performance começa quando:

Dois jogadores abaixados em frente ao berimbau trocam cumprimentos e se movem para o centro da roda. Então, eles começam o jogo com harmonia, fluído movimentos, acrobacias, fintas e chutes. Para o espectador isso parece como uma coreografia improvisada, onde prontamente os jogadores abaixam, atacam e esquivam-se um do outro. Isso se chama "jogo de Capoeira". Durante o jogo, os capoeiristas exploram suas forças, fraquezas, confrontando falta de habilidade, medo, e fadiga, num gracioso, desafiante e constante processo de aquisição de habilidades específicas em capoeira. (REIS, 2006 p. 54)

A roda de capoeira é o ponto alto para os seus praticantes, todo treino é voltado para que eles se saíam bem nesse momento. Precisam ter um bom reflexo; antes de entrar, necessitam se conscientizar de que, naquele momento, devem cuidar não só de si, mas de todos a sua volta. Devem estar atentos ao seu parceiro de jogo, no sentido que devem estar preparados para receber o golpe e esquivar no momento certo, ou parar, caso o companheiro não consiga esquivar a tempo. Prestam atenção no que está sendo tocado – ritmo e canto –, pois tudo isso faz parte da comunicação dentro da roda.

Na capoeira, o praticante tem a oportunidade de conhecer melhor o seu próprio corpo, o que seria o seu primeiro momento no esporte. Conhecendo o seu corpo ele consegue entender, por exemplo, a sua forma de aprender. Mestre Pavão, Eusébio Lôbo da Silva, em seu livro *O Corpo na Capoeira* diz que cada corpo age de uma maneira, cada pessoa aprende a seu modo, no seu tempo, buscando uma etapa de contato íntimo com o seu corpo através do universo da capoeira. A partir daí, a pessoa terá que enfrentar obstáculos que lhe darão o que é necessário para que se torne um bom capoeirista.

Nesse percurso, o capoeirista além de aprender a cuidar de seu corpo, e de seu parceiro tanto o que está jogando quanto os que estão na roda, fazendo com que tenha uma maior consciência corporal em relação a si e aos seus colegas além de uma noção espacial para que nenhum golpe atinja os colegas por mais eficiente que ele seja, pois o objetivo de um capoeirista não é machucar o outro, mas jogar, brincar em um momento de descontração: o jogo da capoeira.

Mestre Pastinha⁴ dizia que “o capoeira não deve ser afobado”, significa que, se por algum motivo, o oponente não esquivar, o capoeirista deve parar o golpe para que não ocorram acidentes durante o jogo. O capoeirista ainda deve ter atenção nos toques do berimbau para que saiba o que fazer durante o jogo, cada canto tem um significado e o mestre pode usá-los para dizer que algo não está bom dentro da roda, elogiar ou até mesmo dizer que está na hora de acabar a roda.

Para os capoeiristas, a roda é considerada algo sagrado, por estar ligada a energias ocultas, sejam elas divinas ou emanadas por eles próprios. Genivalda Cândido da Silva, em sua dissertação de mestrado define o ritual como:

[...] suscetíveis de produzir determinados efeitos ou resultados. Também são entendidos como um processo continuado de atividades organizadas, cuja prática está relacionada a ritos que envolvem também cultos, doutrinas e seitas encontradas não só na vida religiosa, mas em todas as esferas culturais. (SILVA, 2015, p. 89)

Os rituais envolvem gestos, palavras e formalidades, de valor simbólico. Diante dessas premissas, entendemos que a roda pode também ser considerada um ritual já que são feitas de uma mesma maneira, segundo a realidade de cada grupo e gestos corporais e músicas possuem valor simbólico, existindo sequências que são repetidas, pois a repetição de algo também caracteriza os rituais. Todo este conjunto de códigos passados através de gerações, que faz com que a qualifiquemos como cultura, está, por sua vez, ligado à história da capoeira e de suas ressignificações no contexto das manifestações afro-brasileiras e brasileiras, ao ser tomada como símbolo de brasilidade.

Saberes, celebrações, danças populares, lendas, músicas, costumes e tradições culturais. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. (UNESCO⁵) Assim certas manifestações culturais de um determinado lugar, respeitando suas tradições e ancestralidades merecem deixar registros para gerações futuras.

Mario de Andrade já fala da patrimonialização de bens culturais em 1936, quando elabora um anteprojeto para a instituição do registro do patrimônio imaterial, porém, suas ideias não surtem efeito por um longo tempo sendo retomadas, apenas,

⁴ A citação encontra-se no CD *Eternamente Pastinha*. TRINDADE, Pedro Moraes. CD Pastinha Eternamente. Integrante da *Revista Praticando Capoeira Especial CD#4*. Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha) São Paulo: Editora D+, 2007.

⁵ United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

40 anos depois pelo Centro Nacional de Referência Cultural⁶ seguido pela Fundação Nacional Pró-Memória. Desde então, foram pensadas políticas de documentação de registro de bens imateriais, porém segundo Josivaldo Pires de Oliveira, o reconhecimento da capoeira foi inviabilizado devido ao entendimento das autoridades da época que a capoeira não compunha a identidade nacional por não atender um padrão estético que funcionasse como um referencial da época. (OLIVEIRA, 2009, p. 46)

Além das gravações, registros e arquivos, a UNESCO considera que uma das formas mais eficazes de preservar o patrimônio imaterial é garantir que os portadores desse patrimônio possam continuar produzindo-o e transmitindo-o. Assim, a Organização estimula os países a criarem um sistema permanente de identificação de pessoas (artistas, artesãos etc.) que encarnam, no grau máximo, as habilidades e técnicas necessárias para a manifestação de certos aspectos da vida cultural de um povo e a manutenção de seu patrimônio cultural material. (UNESCO, 2017)

O que garante a permanência da cultura na sociedade por mais tempo, o que garante que políticas públicas sejam pensadas de forma que contemplem diretamente? A exemplo da lei 10.639 que altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, tornando obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e da contribuição do povo negro à história do Brasil nas escolas. Nesta direção, a capoeira pode se encaixar perfeitamente como um instrumento de ensino.

Na década de 1970, a museologia começa a ser ressignificada, seu objeto de estudo amplia-se, para além dos espaço tradicional. Para Maria Inês Cândido, os museus são ferramentas de trabalho, como um lápis, que pode escrever inúmeros textos que quando apropriados por diferentes grupos culturais resultam em diferentes museus e experiências museais, o que coloca no âmbito de estudo da museologia tanto os patrimônios materiais quanto os imateriais. Desde então, os museólogos voltam o seu olhar cada vez mais para os bens intangíveis, reconhecendo sua importância para a sociedade, ajudando na preservação de

⁶ Com base na experiência vinda do CNRC, Aloísio Magalhães chama atenção, em *E Triunfo?* (1985) para a existência de uma vasta gama de bens, procedentes sobretudo do fazer popular, inseridos na dinâmica do cotidiano através dos quais se avalia os valores mais autênticos de uma nacionalidade, e deles surgem expressões de síntese de valor criativo que constituem o objeto de arte. (MAGALHÃES, 1985, p. 53 apud GUEDES; MAIO, s. d.)

culturas fazendo-se cumprir o objetivo do museu, do museólogo através da documentação. (CÂNDIDO, 2006, p.13)

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.(Iphan), os bens intangíveis registrados são caracterizados pelas práticas e domínios da vida social dos indivíduos e grupos sociais. Os bens culturais detêm a continuidade história e possuem relevância para a memória nacional. Bens esses que são passados de geração a geração e são constantemente recriados em função de seu ambiente que gera um sentimento de identidade contribuindo para o respeito à diversidade cultural.⁷

Apenas em 2004, o então Ministro da Cultura Gilberto Gil, discursando na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), anuncia que tinha como objetivo instituir o Programa Brasileiro Mundial de Capoeira, para que esta pudesse ser reconhecida como “uma das mais nobres manifestações brasileiras” e ainda fosse reconhecida como um “ícone da representatividade do Brasil perante os demais povos”. (IVO; FLORES, 2016, p.01)

Janice de Carvalho & Bianca de Souza deixa claro em seu artigo que Gilberto Gil começa a financiar a elaboração do dossiê para solicitar o registro e salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural, o qual é finalizado em 2007, pelo Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Então, em 15 de julho de 2008, o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN vota no registro da capoeira como patrimônio cultural imaterial brasileiro e inscreve a roda de capoeira no Livro das Formas de Expressão e o ofício dos mestres da capoeira, no Livro dos Saberes, levando o reconhecimento nacional para a prática e principalmente para os mestres de capoeira que dedicam a sua vida à prática do jogo.

⁷ IPHAN, Patrimônio Imaterial. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>> acesso em: 20 dez. 2019.

2. O GRUPO OÁSIS EM FEIRA DE SANTANA

Para Pedro Rodolpho Jungers Abib, a memória como patrimônio tem um conceito fundamental. Abib trata a memória como um “processo ativo de seleção de fatos considerados importantes para a história social de um coletivo”, é fortalecedor de vínculos sociais e afirma a identidade coletiva dos que a compartilham. É a constituição da razão da importância que o grupo e a ancestralidade em vigor assume no imaginário da comunidade. (ABIB, 2005, p. 25)

Abib diz que apesar de toda a tecnologia disponível a oralidade tem papel de grande importância nos contextos culturais de cunho popular, já que a grande maioria das tradições culturais têm na oralidade o seu meio mais importante de transmissão, sendo assim a escrita não tem o papel central na forma de ensino e transmissão dos sujeitos protagonistas dessas tradições. E a oralidade ainda resiste aos avanços da modernidade. (ABIB, 2005, p. 25)

2.1 A FORMAÇÃO DO OÁSIS E O MESTRE RONNIE RASTA

Com base na entrevista a Mestre Ronnie do Grupo Oásis trazemos esta abordagem. Ronaldo Santos Rosa, Mestre Ronnie Rasta, nascido em 21 de dezembro de 1963, 56 anos, em Feira de Santana, torna-se mestre de capoeira em 2010. Seu primeiro contato com capoeira dia 7 de setembro de 1988. Segundo o mestre ele sempre escutava a bisavó de seu irmão falar com sua mãe “Preta, coloca teus filhos na capoeira”. Porém o primeiro contato chega apenas aos seus 25 anos quando no dia 5 de setembro ele assiste uma matéria sobre capoeira num telejornal da época, faz sua matrícula no dia 6 e enfim, inicia a capoeira no dia 7 de setembro, no Centro de Cultura Amélio Amorim com o Grupo São Francisco do Mestre Nonato e Mestre Kel, permanecendo até o ano de 1995.

Feira de Santana é uma cidade do interior da Bahia, localizada a 108km da capital Salvador. Em entrevista, Mestre Ronnie diz que a história da capoeira na cidade já vem de muito tempo. Existia uma linha férrea na cidade, entre os anos de 1876 e 1911, os antigos mestres contam que os capoeiristas da época faziam pequenas apresentações nas estações para ganhar dinheiro, entravam no trem, trocavam de roupa, como uma forma de não serem reconhecidos, e se apresentavam em outra estação.

Uma das rodas tradicionais da cidade é a roda do Mercado de Arte, localizado no centro de Feira de Santana, que é criada pelo Mestre Bigode, discípulo de Mestre Nonato, há mais de 50 anos, quando o Mercado de Arte ainda era um local reservado para a compra e venda de carnes, na época conhecido ainda como Mercado do Fato, emprestando seu nome a tradicional roda que era conhecida até então como Roda do Mercado do Fato, que foi e continua exercendo-influência para vários capoeiristas da cidade.

Segundo a oralidade:

A capoeira de Feira não tinha grupo. Então, a pessoa treinava dentro do mato, escondido. Os capoeiristas não queriam que ninguém soubesse que eram capoeiristas [...] o jogo era mais duro, o jogo era bem apertado, de tocar e tirar sangue, mas não era nada de briga, na época eles entendiam que a capoeira tinha que ser daquele jeito. (Eduardo Willian. 10 jan. 2019)

Ronnie aborda que hoje é mais fácil praticar a capoeira, porque hoje entende a capoeira como profissão que preza pelo respeito e pela integridade física do colega, ou seja, há um cuidado para que o outro não se machuque. Os grupos estão mais unidos, há apresentações, eventos onde são convidados mais de um grupo, e não há confusão.

Não se sabe ao certo quantos grupos de capoeira existem em Feira de Santana. Vinícius de Campos, aluno do Grupo Oásis, há oito anos, relata ter conhecimento de pelo menos 30 grupos, no entanto, Mestre Ronnie diz que há mais de 100 grupos. Isso se dá devido ao processo de formação de professores que, ao atingirem certa graduação, seguem caminhando sozinhos, formando grupos separados, porém muitas vezes ainda vinculados aos seus mestres.

A história do mestre Ronnie até fundar o Oásis passa por alguns grupos da cidade, uma longa história, Ele começa no grupo São Francisco onde se torna um professor em pouco tempo, ajudando seus mestres nas aulas e ministrando suas aulas sozinho. Em 1995, por divergência de ideias, sai do São Francisco e forma o Grupo Raízes com Nino, Jorge, Bahia (falecido), Neto e Valdilson, todos professores, permanecendo do dia 17 de abril de 1995 até o ano seguinte, tendo hoje o Mestre Nino como líder do Grupo Raízes.

Após a saída do grupo Raízes, Ronnie passa a dar aulas em um campo de futebol até que um de seus alunos consegue um espaço na Academia Da Praça, que ficava localizada em frente à Praça Tiradentes no Centro da cidade. Então em 16 de julho de 1996, Ronnie forma o Grupo Axé Capoeira com Valdilson e Neto, permanecendo durante 11 anos o qual destes oito anos o grupo permanece com o nome de Axé Capoeira, porém, na primeira viagem para a Espanha, em 2003, Ronnie descobre que já existia um grupo registrado com esse nome, só então em 2004, o grupo muda a sua denominação, tornando-se Associação de Capoeira Oásis, que significa uma vegetação em meio ao deserto, uma terra fértil segundo o mestre de capoeira.

A capoeira do grupo Oásis tem uma visão da capoeira enquanto arte, cultura, filosofia de vida, portanto, não busca apenas o desenvolvimento físico

do aluno mas há um grande estímulo ao estudo não só da prática, como da cultura em si. O Oásis disponibiliza uma vasta literatura sobre manifestações culturais em sua biblioteca; os alunos são estimulados a ler e a conhecer cada uma delas como parte de seu aprendizado. Há projetos, leituras onde cada um fica responsável por um tema e, ao final da roda, ele explana o que foi lido, gerando uma discussão sobre o tema entre os capoeiristas presentes. Além desse projeto, para que o aluno troque de graduação é necessário que esteja em dia na escola ou faculdade, passando o boletim para o mestre. O aluno em época de prova é liberado de todo compromisso com a capoeira, como rodas, treinos e apresentações. Nas práticas, desde o tempo em que o grupo Oásis chamava-se Axé Capoeira são ministradas aulas de samba de roda, maculelê e percussão e dança afro, além do estudo aprofundado dessas práticas.

Vinicius e o professor Mikão contam que a partir da capoeira tiveram o estímulo para cursar uma faculdade

Eu nunca gostei de estudar, mas pela capoeira eu desenvolvi o gosto pela Educação física. Foi a capoeira que me despertou a curiosidade em relação Educação Física, a vontade de me formar. Até nisso ela me ajudou. (Eduardo Willian, 10 jan. 2019)

Vinicius conta que seu primeiro contato com a capoeira foi em um projeto social de seu bairro e por causa disso não “perdia tempo” nas ruas, e através da capoeira pode ter uma oportunidade de melhorar nos estudos e cursar uma faculdade. (SANTANA, 2019)

3. A PRÁTICA DA CAPOEIRA NO OÁSIS

Esta etapa do trabalho consiste em uma documentação de base etnográfica realizada entre julho de 2018 a janeiro de 2019. Assim como usamos como referência para cruzamento dos dados, os autores Helió Campos e Marcos Santos Mourão.

Segundo Helió Campos, Mestre Xaréu, baiano, a capoeira “é um jogo de movimentação contínua, de velocidade, sem rigidez de movimentos” (CAMPOS, 2009, p.35), já para o mestre do grupo Oásis, Ronaldo Santos Rosa (Ronnie), a capoeira é uma filosofia de vida. A capoeira é complexa, envolve questões que vão para além da roda. Para os capoeiristas ou capoeiras (termo muito usado entre os membros do grupo) ela, a capoeira é viva, tem espírito que, segundo eles, quando chama, quando quer alguém, essa pessoa passa a vive-la religiosamente.

O grupo Oásis tem sua sede situada no centro de Feira de Santana, Rua Castro Alves. Os treinos principais, com o mestre Ronnie, acontecem todas as segundas quartas e sextas-feiras das 20h até as 21h30, podendo se estender a depender de como a aula ou a roda flua. Além dos treinos, os componentes do grupo levam a capoeira a praça pública em períodos determinados.

A aula do Grupo começa com uma pequena preparação física para que não haja lesões nos capoeiristas, começa com alongamentos de todas as articulações do corpo, seguido de movimentos para fortalecimento de algumas partes do corpo, alguns treinos o foco é o abdômen, em outros os membros inferiores. Então inicia-se o treino dos golpes de capoeira onde são feitos individualmente, para aperfeiçoamento dos golpes, sejam eles de defesa, ataque ou acrobático, depois os movimentos são feitos em dupla para que os capoeiristas entendam como funcionam os golpes e para que aprendam diversas maneiras de executá-los e defender-se.

A graduação empregada no grupo segue a Primeira Federação de Capoeira, usando apenas as cores verde amarelo, azul e branca da seguinte maneira: verde, amarela, azul, verde e amarela, verde e azul, azul e amarela, azul verde e amarela, chamada de trançado de três que dá ao praticante o grau de aluno formado; segue com a corda branca e verde e branca e amarela que trazem os graus de professor de primeiro e de segundo estágio, respectivamente, sendo a corda seguinte branca

e azul de contramestre e enfim a corda branca, conferida àquele que alcança o grau de mestre de capoeira.

Em janeiro e fevereiro acontece o Verão da Capoeiragem, criado pelo Professor Ninja⁸, que é uma aula de capoeira na praça da igreja Matriz da cidade. Alguns professores e mestres são convidados para ministrar uma aula na praça, seguida de uma roda coordenada pelo ministrante. Esse evento ocorre todos os domingos pela manhã, contando com a presença de grupos da cidade e também das cidades vizinhas, a exemplo do Mestre Doda de Conceição da Feira. Além dos domingos, o Grupo Oásis organiza uma roda uma vez por mês na praça de alimentação de Feira de Santana, localizada na Avenida Getúlio Vargas, onde também conta com a presença de outros grupos. As rodas acontecem na última quinta-feira de cada mês, chamada roda dos amigos.

Em 2018, foi criado com a parceria entre os grupos: ACDA – Associação de capoeira Dois Antônio do mestre Gago e Associação de Capoeira Sementes de Santo Amaro do Mestre Bendengó e o Oásis, o bloco Os Nagôs que vem como um bloco de resistência que desfila na micareta de Feira, no sábado no intuito de dar visibilidade aos capoeiristas da região.

Figura 1. Bloco de Capoeira Os Nagôs



Fonte: Vinícius de Campos

Figura 2. Verão da Capoeiragem



Fonte: Laura Rosa

Não é novidade que a capoeira tenha mais de um estilo, a angola e a regional, para cada estilo desses há um conjunto de toques específicos de berimbau, que será tocado pelo berraboi⁹. O grupo Oásis se denomina capoeira, pois é fortemente influenciado pela capoeira praticada no Recôncavo da Bahia, que, por sua vez, não

⁸ Joselito Ferreira, professor de segundo estágio, corda Branca e Verde, feirense, reside na Espanha na cidade de San Juan, é professor da filial espanhola do Oásis.

⁹ Berimbau de cabaça maior e som mais grave.

se prende a estilos praticando uma mistura saudável dos dois, no que se trata de estilo e facilmente identificada como capoeira do Recôncavo.

Há 12 toques de berimbau na capoeira sendo quatro deles característicos da capoeira regional¹⁰: Amazonas, Benguela, Idalina, São Bento Grande de Regional; cinco caracterizam a capoeira angola¹¹: São Bento Grande de Angola, Angola, São Bento Pequeno e Jogo de Dentro tendo a lúna, Santa Maria e Cavalaria como comum aos dois estilos. Os alunos do grupo Oásis, para que possam se formar, devem aprender todos os toques no decorrer de seu aprendizado. Na roda de capoeira do grupo Oásis os toques mais executados são: Angola, São Bento Pequeno e São Bento Grande de Angola que são tocados juntos no início, qualificando-o, então, como de angola, em seguida todos os berimbaus passam a tocar o São Bento Grande, definindo-o, em contrapartida, como um jogo mais parecido com a regional.

Na hierarquia dos instrumentos, o primeiro a ser tocado é o berra-boi seguido pelo gunga, viola, pandeiro, reco-reco, agogô e atabaque, nessa ordem (ilustrados mais abaixo). Portanto, para tocar o berra-boi, é preciso saber, no mínimo, um conjunto de toques e saber como conduzir uma roda, pois tudo acontece de acordo com o que o berimbau tocar.

Mestre Valdemar da Liberdade, em depoimento para o livro *Capoeira Angola*, de José Luiz Oliveira Cruz, Mestre Bola Sete, discípulo de Mestre Pastinha, diz que para que haja uma boa bateria é preciso de três berimbaus: um berra-boi, uma viola e um gunga. (OLIVEIRA, 2010, p.31) na bateria de angola, além dos berimbaus, acompanhados por pandeiros, atabaque, agogô, reco-reco e chocalhos, como se pode ver no livro: “O menino que virou mestre Pastinha de José de Jesus Coelho”.

No grupo Oásis a bateria foi organizada da seguinte maneira: três berimbaus, um gunga, um berra-boi e uma viola, um pandeiro e um atabaque. O que não quer dizer que não se faça necessário aprender outros instrumentos, todos devem aprender a tocá-los, já que visitam outros grupos que os usam. É um dos passos para receber a graduação de formado.

Figura 3. Bateria Grupo Oásis

¹⁰ MESTRE BIMBA. Curso de Capoeira Regional. Salvador: JS Discos. CD-Rom (33min).

¹¹ MESTRE MORAES. Capoeira Angola from Salvador Brasil. Grupo de Capoeira Angola Pelourinho - GCAP. Estados Unidos: Smithsonian Folkways. CD-Rom (67mim).



Fonte: Laura Rosa

Os berimbaus são de suma importância numa roda de capoeira. Não se sabe exatamente quando o berimbau é introduzido na capoeira. Segundo Marcos Santos Mourão, ele certamente, possibilitou a continuidade da cultura. Inicialmente, no século XIX, havia apenas tambores na roda que era ritmada pelas palmas e o canto dos componentes. (MOURÃO, 2008, p. 69) O berimbau é que dita a forma como o jogo vai acontecer. O berimbau é um arco de madeira, normalmente biriba¹², a qual chamam de verga, e arame preso nas extremidades da verga. Mourão afirma que os berimbaus medem aproximadamente 1,20m. Para o Oásis, o tamanho ideal é 1,60m, o que não os deixa muito curtos ou muito longos.

Na feitura do berimbau, em uma das extremidades, fixa-se a cabaça que é como uma caixa de ressonância, que estará em contato com a barriga do tocador. E que vai diferenciar o som de cada berimbau. Marcos Mourão explica que o tocador utiliza uma mão para segurar o instrumento e uma pedra ou dobrão (espécie de moeda), com a outra ele segura o caxixi (espécie de chocalho) e uma vareta que é chamada de baqueta. (MOURÃO, 2008, p. 69)

Como explicitado antes, existem três tipos de berimbau. O berra-boi é o berimbau de cabaça maior e comanda a roda, seu som é alto e grave, por isso é chamado de berra. No grupo Oásis é permitido que alunos peguem esse instrumento, porém ele tem que ser oferecido pelo mestre. Já que é considerado falta de respeito tirar o instrumento da mão de alguém.

O berimbau gunga¹³ é aquele que fica entre o “berra” e a viola, tem uma cabaça de tamanho médio e som mais suave, o segundo instrumento a ser tocado.

¹² *Eschweilera ovata* (Cambess.) Mart. ex Miers da família Lecythydaceae.

¹³ Segundo os mestres mais antigos gunga significa irmão do meio em iorubá.

Vai acompanhar o berra-boi de acordo ao toque e repicar pouco, podendo duelar com a viola em alguns momentos.

A viola tem a cabaça pequena e som mais agudo. Ela repica o tempo inteiro, embelezando o som que a bateria produz. Exige bastante destreza e coordenação motora de seu tocador, é o terceiro instrumento a ser tocado.

Figura 4. Berraboi



Fonte: Laura Rosa

Figura 5. Gunga



Fonte: Laura Rosa

Figura 6. Viola



Foto: Laura Rosa

Os pandeiros são o quarto elemento a ser tocado, seguido do reco-reco, agogô e atabaque. Todos juntos fazem a marcação do ritmo da roda, sempre de acordo ao que os berimbaus estão tocando. São os instrumentos que funcionam como o marcador de tempo para que a bateria não perca o ritmo, como na bateria o Oásis normalmente utiliza-se apenas o pandeiro e o atabaque esses dois tem a função de metrônomo, que é um tipo de marcador de compasso usado por instrumentistas.

Figura 7. Pandeiro



Foto: Laura Rosa

Figura 8. Agogô



Foto: Laura Rosa

Figura 9. Reco-reco

Figura 10. Atabaque



Foto: Laura Rosa



Foto: Laura Rosa

Existem 12 toques como já foi dito. Mourão explica que cada toque tem um significado e determinará a forma de jogar. O toque de Angola é lento e cadenciado, determina um jogo lento com movimentos mais baixos e próximo ao outro jogador. São Bento Grande de Angola caracteriza-se como um jogo mais próximo, com movimentos predominantemente altos. (MOURÃO, 2008, p. 64). São esses os toques mais utilizados no Grupo Oásis, o que é uma das características da capoeira praticada pelo do Grupo.

As músicas de capoeira são intimamente ligadas ao toque e aos jogos. Podendo ter sido criadas pelo

A Ladainha é cantada de forma mais lenta; o mestre canta sozinho e pode contar uma história, ensinar algo ou coisas do cotidiano atual ou antigo. Na ladainha não há jogo, o berimbau toca Angola e todos devem estar em silêncio prestando atenção no que o mestre irá cantar. (MOURÃO, 2008, p. 65) Ao observarmos as rodas do Grupo Oásis, pudemos perceber que a ladainha é cantada apenas uma vez, para iniciar a roda, o Mestre faz uma saudação “Iê” que chama atenção e pede por silêncio, ao mesmo tempo é um cumprimento; nesse momento em que o Mestre diz “boa noite, vamos começar”, dando início, com cantigas como a seguinte:

“Iê...

Bahia minha Bahia

Bahia minha Bahia

É Salve a Bahia

Terra mãe hospitaleira

Berço de muita cultura

Terra mãe da capoeira

Terra do Mestre Pastinha

Capoeira tradicional
É terra do Mestre Bimba
Criador da Regional
Sou de Feira de Santana
Naquela terra eu me criei
Com muita dedicação
Capoeirista me formei
Agradeço ao meu mestre
Por tudo que me ensinou
Mestre nobre respeitado
Mandigueiro de valor
Foi ele quem me ensinou
Com sua sabedoria
Gentileza gera gentileza
Essa é sua filosofia
Camaradinha..."
 (Professor Mikão – Grupo Oásis)

Importante salientar que toda ladainha é seguida do louvor, que é o momento em que o mestre louva figuras importantes para a capoeira, como o seu mestre, Zumbi dos Palmares, Deus, Orixás. Isso pode variar de acordo ao que o mestre deseja passar naquele momento.

"lê viva meu mestre
lê que me ensinou
lê capoeira..."

Logo após o louvor, começam a ser cantados os corridos que, como seu nome já anuncia, essas músicas são entoadas no momento que o jogo acelera. Normalmente, durante os corridos, o Mestre Ronnie troca o toque do berimbau, acelerando o jogo e levando os jogadores a fazer um jogo mais alto. Os corridos são versos pequenos que são cantados e repetidos pelo coro:

Vou dizer a meu senhor que a manteiga derramou
A manteiga não é minha, a manteiga é de loiô..."
 (Domínio público)

Os corridos, como toda música de capoeira, carregam a função de passar um recado a quem está na roda e ser uma espécie de "tradução" do que está

acontecendo ou até mesmo do que o cantador quer que aconteça. Quando um capoeirista cai é fácil escutar:

*Escorregar não é cair
é um jeito que o corpo dá...*
(Domínio público)

O capoeira que caiu pode também “puxar” o canto:

*Baráúna caiu quanto mais eu
Quanto mais eu
Quanto mais eu...*
(Mestre Paulo dos Anjos – Grupo de Capoeira Esquiva de Rua)

Para elogiar uma mulher na roda:

*Moça, tu é bonita
Moça, tu é dengosa
Moça, com esse teu jeito, só pode ser capoeira de angola...*
(Mestre Pernalonga – Grupo Nova Geração de Angola)

Um recado:

*Não mexa comigo que eu não mexo com ninguém
Se mexer comigo eu topo se topar comigo tem...*
(Domínio público)

Uma saudação:

*Vosmecê como ta?
Como querer
Como vai vosmecê?
Como querer
Eu vou bem de saúde
Como querer
Pra mim é prazer
Como querer...”*
(Domínio público)

E ainda há corridos que contam histórias:

*“ê pescador a maré ta cheia
E o mar não da pra navegar*

*Cuidado esse canto é canto de sereia
Ê pescador não se deixe levar*

*ê pescador a maré ta cheia
E o mar não da pra navegar*

*O mar tá revolto não saia da areia
Ê perigoso entrar para pescar*

*ê pescador a maré tá cheia
E o mar não dá pra navegar*

*E não pescou hoje não saia da areia
Chama por lemanjá e volta pra pescar*

*ê pescador a maré tá cheia
E o mar não dá pra navegar*

(Mestre Ronnie Rasta)

No Grupo Oásis as chulas são cantadas durante o jogo, normalmente quando o jogo já está mais acelerado, as chulas são como as ladainhas, contam histórias, retratam o dia-a-dia do capoeirista. Durante a roda, há palmas e jogo durante seu cantar.

*O tocar do berimbau
Estremece minha alma
Agachado diante dele
Faço minha oração
As angústias de minha vida, colega velho
Por um instante eu esqueço
Então eu me preparo
Me preparo pra jogar
Vou gingando balançando
Se cair vou levantar
Assim é na capoeira, colega meu
Assim é na minha vida
Vou vivendo e balançando
Eu vou vivendo é na ginga*

*Oh ginga pra lá
Ginga pra cá
No jogo da vida não posso parar*

*Vou gingando balançando
Se cair vou levantar
Aquele que te sorrir
Também pode derrubar*
(Vinicius de Campos – Grupo Oásis)

A capoeira tem suas regras que estão incutidas em cada detalhe desde a chegada do capoeirista no espaço para treinar a sua desenvoltura na roda, são os fundamentos. Para os golpes não é diferente, não é um padrão onde todos os capoeiristas devem fazer igual, mas sim uma base em que o capoeirista irá executar à sua maneira.

Marcos Santos Mourão, em seu livro Capoeira, explica que a ginga é a identidade de cada capoeirista. Diz que “nela você reconhece o que é peculiar a cada pessoa e a cada estilo de capoeira. A função da ginga é mantê-lo em constante movimentação durante a roda, possibilitando-lhe realizar uma acrobacia, um ataque, uma defesa ou distrair o seu parceiro de jogo. [...] Ela o ajudará a deslocar-se para qualquer direção, permitindo-lhe uma melhor posição para o ataque, a defesa ou um floreio.” (MOURÃO, 2008, p. 36)

A ginga é a expressão corporal de cada capoeirista, no Oásis percebemos que os componentes não gingham igual, apesar de praticarem no mesmo grupo e ter o mesmo treinamento, a ginga é livre, o capoeira se expressa através dela e também através dela é possível perceber a características corporais de cada capoeirista. Por exemplo, um capoeirista que jogou futebol vai gingar diferente de um capoeirista que fez dança e ainda assim sem perder a essência dos ensinamentos do mestre e da técnica da ginga. Há grupos onde a ginga é feita de maneira parecida, causando a impressão de que todos gingham da mesma maneira, porém na capoeira do recôncavo é característica forte que o capoeirista seja livre para encontrar o conforto em seus movimentos. Mestre Ronnie diz que a ginga forma um triângulo no chão, a troca de base é feita de maneira que o jogador coloque o pé que fica atrás sempre no mesmo lugar, e encontre a melhor maneira de fazer isso, prestando atenção nos

braços que devem sempre está em posição de defesa, dobrado horizontalmente na frente do corpo.

.Figura 11. base esquerda



Fonte: Laura Rosa

Figura 12. Troca de base



Fonte Laura Rosa

Figura 13. Base direita



Fonte: Laura Rosa

Independente do estilo de jogo os golpes de ataque são formados por chutes giratórios e frontais, alguns com apoio de uma ou ambas as mãos no chão cabeçadas e rasteiras. Os mais frequentes na roda são: Meia-lua de compasso: o capoeirista escolhe uma das bases da ginga levando a perna da frente para o lado oposto (exemplo: se a perna direita estiver na frente do corpo é levada para o lado esquerdo) em seguida as mãos são postas no chão e o capoeirista faz um giro completo com a perna de trás conduzindo- a altura do tronco do outro jogador. Mestre Ronnie diz que é importante não dar o golpe em vão, ou seja, mesmo atacando devemos pensar em não dar brechas para um contra-ataque se defendendo sempre.

Figura14. Base da Meia lua de Compasso Figura 15. Meia lua de Compasso



Fonte: Laura Rosa

Fonte: Laura Rosa

Figura 16. Esquiva ao Final da Meia Lua de Compasso



Fonte: Laura Rosa

Martelo: chute lateral aplicado com o dorso do pé, onde o capoeirista atinge o rosto, costela ou o braço do companheiro de jogo.

Figura 17. Martelo



Fonte: Laura Rosa

Golpes de defesa: Modo de neutralizar o golpe agressor e preparar-se para o contra-ataque o mais comum é a esquiva. Existem vários tipos de esquiva a mais utilizada é a que o capoeira executa com apoio dos pés e mãos no chão mantendo uma perna esticada e outra encolhida enquanto uma mão apoia o corpo no chão a outra protege o rosto, conhecida no grupo Oásis como Esquiva de Meia lua por ser

bastante eficiente para movimentos giratórios como a meia lua de compasso, podendo, o capoeirista, sair rapidamente da área de ação do golpe de ataque ou preparar um contra-ataque, que é quando o jogador faz um golpe de ataque logo após a sua defesa.

Figura 18. Esquiva de Meia Lua



Fonte: Laura Rosa

Já na parte dos desequilibrantes, temos a rasteira: que o capoeirista aplica uma varrida no pé, encaixando, na altura do calcanhar do outro jogador buscando sua queda.

Figura 19. Rasteira



Fonte: Laura Rosa

Ao entrar numa roda, o capoeirista utiliza de alguns movimentos acrobáticos para embelezar o jogo, que podem servir também como um ataque, o que exige bastante destreza corporal e, muitas vezes, resistência e flexibilidade demasiada, a exemplo da borracha e da bananeira.

Figura 21. Bananeira

Figura 20. Borracha



Fonte Laura Rosa



Fonte: Laura Rosa

Volume de Jogo: segundo Mourão, volume de jogo é a arte de preencher o espaço. O capoeira deve ter noção espacial, ou seja, saber movimentar-se usando o espaço que tem a seu favor, independente de ser grande ou pequeno (MOURÃO, 2008, p.60). Mestre Ronnie acrescenta que um capoeirista deve aplicar um golpe sempre com duas ou mais defesas em mente, pois nunca se sabe o que o outro jogador irá fazer.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Através dos resultados obtidos neste trabalho, pudemos concluir que o grupo Oásis é um exemplo na cidade de Feira de Santana de dedicação, seriedade e compromisso a cultura e aos seus praticantes, que vem aos poucos ganhando seu reconhecimento. Seu trabalho é reconhecido internacionalmente pelo empenho em melhorar a vida de quem pratica a capoeira, independente do grupo a que estão vinculados.

O grupo tem um compromisso com a preservação da cultura, estando sempre em contato com mestres mais velhos afim de que aprendam mais sobre suas histórias, seus fundamentos fazendo com que assim não se percam com o passar dos anos. A seriedade em relação a cultura é vista no interesse dos alunos em oficinas que vão além da capoeira como o maculelê e o samba de roda. Pensando em não perder a cultura que foi deixada pelos seus ancestrais.

Suas viagens normalmente são com o intuito de aprender e ensinar algo a mais. Para eles uma das viagens mais importantes, foi a ida do mestre Ronnie à Espanha. Ela serviu para mostrar um pouco mais do que é feito no grupo Oásis de Feira de Santana, mostrando fora do país a cultura brasileira, em particular, a cultura da capoeira acaba sendo conhecida e absorvida em outros lugares, preservando sua história.

Pesquisando, vimos que a capoeira não é praticada da mesma forma em todos os lugares, apesar de terem o mesmo fundamento, cada lugar tem uma filosofia, e segue os fundamentos da maneira que acha certo. Cada lugar tem suas peculiaridades, sua maneira de praticar, inclusive percebemos que existe mais de dois estilos de capoeira já que a capoeira que é feita no recôncavo baiano não é angola nem regional e é conhecida por muitos como a capoeira do interior. O grupo Oásis se iguala a outros grupos no sentido da organização da roda por exemplo; na capoeira angola cada jogador quando acaba seu jogo vai para o fim da roda para que todos tenham oportunidade de jogar, e difere no modo em que os golpes são aplicados, na filosofia do grupo que leva dos treinos a roda, baseada no lema “gentileza gera gentileza”, a forma de organizar os instrumentos, e fundamentos. Apesar de serem bem parecidas cada roda de capoeira tem sua particularidade, uma forma de jogar, uma fluidez diferente que, na maioria das vezes, só é percebida por quem está inserido na no grupo há algum tempo.

A capoeira não tem uma grande visibilidade dentro de Feira de Santana, e políticas públicas não mudaram desde o reconhecimento da roda de capoeira como um patrimônio imaterial cultural brasileiro. Apesar de todo o avanço da capoeira, a sociedade ainda tem certo receio em relação a ela, pois ainda é marginalizada por uma parte da sociedade. Os trabalhos do grupo Oásis bem como o verão da capoeiragem e o bloco de resistência os nagôs são feitos em prol da capoeira para que ela venha a ter visibilidade, sendo reconhecida como cultura da cidade.

Aos tratarmos sobre os praticantes do Oásis percebemos que eles, em muitos casos, foram fruto de projetos e através da capoeira galgaram algo melhor para si, buscando inclusive uma graduação superior. O estímulo à leitura e aos estudos é intenso no grupo, os alunos em período escolar muitas vezes são suspensos dos treinos para que estudem e voltem apenas quando as notas escolares melhorarem, e o resultado é visto quando eles relatam que muito do que têm é devido a capoeira.

A figura do mestre no grupo é de líder sempre disponível a atender aos seus discípulos, dedicando-se a cada um por igual, sem privilegiar as graduações. Nesse ambiente, o mestre cultiva o bom tratamento aos discípulos, treinando todos juntos, dando ênfase ao trabalho coletivo, respeitando os limites de cada um e a responsabilidade para com o outro praticante. Conseguimos perceber o cuidado que cada um tem com seus amigos, estando disponível inclusive para deixar o seu treino mais de lado para acompanhar os que estão iniciando na comunidade. Para os capoeiristas, os ensinamentos do Mestre estão inseridos em muitos momentos de seu cotidiano. O mestre de capoeira, muitas vezes, acaba tornando-se um pai da grande família que um grupo de capoeira vem a ser. Ele é quem aconselha, acarinha, corrige não só na capoeira como na vida pessoal de cada um que o procura buscando seus ensinamentos.

A capoeira passou a ser grande agregadora de valores morais e éticos com o passar do tempo, sendo o respeito cultivado. No caso do Oásis, o lema é gentileza gera gentileza, frase que os capoeiristas ouvem a cada ocasião que há visitas, eventos e iniciantes. A medida que o grupo produz novos capoeiristas, esses princípios tendem a se alargar para além das rodas.

Apesar desses princípios não fica esquecida a história da capoeira como movimento de resistência cultural, social, muitas vezes, político através da qual conhecemos a nossa história contada por nós, através da oralidade. O que é o

principal instrumento de comunicação entre os capoeiristas, mas de todos esses capoeiras dos que vivem dela e para ela e esperam que um dia a capoeira seja livre de verdade, de todos preconceitos que ainda hoje a cercam.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola**: cultura popular e jogo dos saberes na roda. Salvador: EDUFBA, 2005.

ANDRADE, Emanuel Silva. **Casa de farinha de Dêgo**. 2010, 115 f., Trabalho de conclusão de curso - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, Bahia 2010.

BLUTEAU, R.; SILVA, A. de M. **Diccionario da Lingua Portugueza**. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em <http://purl.pt/29264> acessado em: 15 jan. 2019.

BRASIL. **Código Penal (1830)**. Código Criminal do Império do Brazil. Disponível em: Disponível em: <https://capoeiraocec.webnode.com.br/a-arte-capoeira/lei%20de%20proibi%C3%A7%C3%A3o%20da%20capoeira/> Acesso em: 25 dez. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 847**, de 11 de outubro de 1890. (Promulga o Código Penal.) Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>. Acesso em: 28 dez. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 3.551**, de 04 de agosto de 2000. (Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.) Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm . Acesso em: 25 de dez. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. (Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.) Disponível em: Acesso em: 25 de dez. 2018.

BRASIL. **Lei nº 12.228**, de 20 de julho de 2010. (Institui o Estatuto da Igualdade Racial, altera as Leis nos 7.716, de 05 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003). Disponível em: Acesso em: 29 de dez. 2018.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira Regional**: a escola de Mestre Bimba. Salvador: EDUFBA, 2009.

CÂNDIDO, Maria Inez. **Documentação museológica**. In: **Caderno de diretrizes museológicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006, p.10-92.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira**: os fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO; Maria de Fátima G. M. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 10, 2000, p. 241-253.

DIAS, Adriana Albert Dias. **A malandragem da mandinga**: o cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha (1910-1925) 2004. (Dissertação) Mestrado em História. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004. 151 fls.
IPHAN. **Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, Iphan, 2007. Disponível em: Acesso em 25 de dez. 2018.

GUEDES, Maria Tarcila Ferreira; MAIO, Luciana Mourão. **Verbetes Bem Cultural**. In: IPHAN. **Dicionário do Patrimônio Cultural**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/79/bem-cultural> acesso em 17 jan.2019.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto. **Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v29n2/1807-5509-rbefe-29-02-00267.pdf> Acesso em: 07 de jan. 2018

LUSSAC, Ricardo Martins Porto; TUBINO, Manoel José Gomes. Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**. v. 20, n. 1, p. 7-16, 1. Maringá, trim. 2009.
MESTRE BIMBA. **Curso de Capoeira Regional**. Salvador: JS Discos. CD-Rom (33min).

MESTRE MORAES. **Capoeira Angola from Salvador Brasil**. Grupo de Capoeira Angola Pelourinho - GCAP. Estados Unidos: Smithsonian Folkways. CD-Rom (67min).

MOURÃO, Marcos Santos. **Capoeira**. São Paulo: Odysseus, 2008.

MÚSICA. Associazione Capoeira Angola Pernambuco. Pádua, [s.d.] Disponível em: <http://www.capoeira-angola-pd.it/musica.htm>. acesso em: 28 nov. 2018.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Capoeiras, Identidade e Gênero**: Ensaio sobre a história social da Capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **No Tempo dos Valentes**: os capoeiras na cidade da Bahia. Salvador: Quarteto, 2005.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. Florianópolis: FCC, 2014.

PATRIMÔNIO IMATERIAL: **O Registro do Patrimônio Imaterial**: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultura /Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4.ed., 2006.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira na Bahia de todos os santos**: um estudo sobre a cultura e classes trabalhadoras (1890-1937). Tocantins: NEAB; Grafset, 2004.

REIS, André Luiz Teixeira. **Capoeira**: saúde e bem estar social. 2.ed. Brasília: Tesauros, 2010.

REIS, André Luiz Teixeira. **Educação Física e Capoeira: saúde e qualidade de vida**. 2. ed. Brasília: Tesauros, 2010.

SALDANHA, B. de S.; BRAGA, J. de C. F. **Capoeira: da Criminalização no código penal de 1980 ao reconhecimento como esporte nacional e legislação aplicada**. In: Satin, J. R.; Ruiz, I. A. **Direito, Arte e Literatura II**. Florianópolis : CONPEDI, 2014.

SANTOS, Gabriel Carvalho. **Biografia cultural do Engenho Vitória como ferramenta para sua documentação museológica**. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, Bahia 2018.

SILVA, Eusébio Lobo da. **O Corpo na Capoeira: breve panorama: estórias e histórias da capoeira**. Campinas, SP: Unicamp. 2008.

SILVA, Eusébio Lobo da. **O Corpo na Capoeira: introdução ao estudo do corpo na capoeira**. Campinas, SP: Unicamp. 2008.

SILVA, Eusébio Lobo da. **O Corpo na Capoeira: fundamentação operacional dos movimentos básicos da capoeira**. Campinas, SP: Unicamp. 2008.

SILVA, Eusébio Lobo da. **O Corpo na Capoeira: o corpo em ação na capoeira**. Campinas, SP: Unicamp. 2008.

SILVA, Genivalda Cândido da. **Abordagens e discussões sobre o espaço museal, a patrimonialização e a comunicação cultural no estudo comparativo entre o museu e a sala de milagres do Santuário do Bomfim, em Salvador, Bahia**. Salvador, 2015. 146 f. il.

SILVA, Genivalda Cândido da. **Do ritual à folk comunicação: a interculturalidade no pagamento de promessas/ RIF, Ponta Grossa/ PR Volume 14, Número 32, p.27-38, maio/agosto 2016**.

TRINDADE, Pedro Moraes. CD Pastinha Eternamente. Integrante da **Revista Praticando Capoeira Especial CD#4**. Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha) São Paulo: Editora D+, 2007.

VIEIRA, Luiz Renato. **O Jogo da Capoeira Corpo e Cultura Popular no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

Entrevistas

CAMPOS, Vinícius de. Entrevista cedida à Laura Rosa. Feira de Santana, 05 jan. 2019.

ROSA, Ronaldo Santos. Entrevista cedida à Laura Rosa. Feira de Santana, 12 jan. 2019.

WILLIAN, Eduardo. Entrevista cedida à Laura Rosa. Feira de Santana, 10 jan. 2019.

APÊNDICE A – Entrevistas a membros do Grupo de Capoeira Oásis

MESTRE RONNIE

1. Perfil do entrevistado

- 1.1. Nome:** Ronaldo Santos Rosa
- 1.2. Nome de Capoeira:** Ronnie Rasta

- 1.3. **Idade:** 56 anos
- 1.4. **Tempo de Capoeira:** 30 anos
- 1.5. **Graduação (capoeira):** Mestre/corda Branca
- 1.6. **Formação (profissional):** Balconista

2. Quando começou a fazer capoeira e qual a sua principal motivação para pratica lá? Diga outras.

Comecei a capoeira em 1988, setembro de 1988, no Centro de Cultura Amélio Amorim. Minha primeira motivação era fazer aquilo que eu via o pessoal fazendo na rua e outra coisa era escalar e dar salto.

3. Quantos grupos de capoeira de Feira de Santana você conhece?

Já ouvi dizer que tem pra mais de 100, mas não sei não, sei que tem muitos grupos, mas não sei a quantidade exata não.

4. Fale da trajetória do grupo.

Comecei capoeira no Centro de Cultura com Mestre Nonato, grupo Filhos de São Francisco, saindo de lá eu e mais cinco formamos um grupo chamado Raízes, não deu certo. Um ano depois formei o grupo Axé, tempos depois, em 2003, fui na Espanha e lá já tinha um grupo chamado Axé que era do mestre Barrão, apesar que meu grupo era mais velho, mas ele já tinha registrado. Vindo de lá, em 2004, mudei o nome do grupo Axé para Associação de Capoeira Oásis, que quer dizer terra fértil.

Em 1996, eu dando aula numa academia chamada Silhueta, ainda no grupo raízes, então eu tive um desentendimento com um dos membros, que era sócio do grupo e aí eu saí e passei a dar aula em um campo de futebol, tempos depois um rapaz que eu tinha colocado na capoeira foi numa academia, chamada academia Da Praça e falou sobre o grupo e aí em 16 de julho de 1996 entramos pra academia da praça onde eu passei 11anos sendo que eu usava a academia da praça como matriz e dava aula eu outras academias, como Point da malhação, e outras que já não existem mais

5. Que papel a capoeira desempenha em sua vida e que funções podem assumir de modo geral?

Na minha vida eu venho sempre dizendo que eu sou profissional da capoeira, eu vivo da capoeira. A função da capoeira é saúde, é brinquedo, lazer, a capoeira é 100%

6. Qual a sua reação e dos capoeiristas do grupo quando a capoeira foi reconhecida como patrimônio nacional? O que isto significa?

Pra mim não significa nada, não foi a capoeira tombada, foi a roda de capoeira mas até hoje não trouxe benefício nenhum porquê não melhorou em nada as políticas públicas para a capoeira.

7. Há um reconhecimento do grupo Oásis pela sociedade local (Feira de Santana)? E fora? Onde?

Sim. Hoje nós temos uma filial na Espanha onde por três vezes já estive La. Eu vejo que o pessoal respeita muito e grupo tem um certo peso, principalmente com os dois professores que trabalham lá. Na cidade, acredito que a sociedade reconhece por que eu trabalho em várias escolas tanto públicas quanto particulares e condomínio então acredito que tenha um grande reconhecimento.

8. Quais são as práticas atuais do Grupo Oásis, além dos treinos?

Temos apresentações em praça pública, temos um bloco com outros amigos que saímos na micareta o grupo viaja muito pra representar tanto o nosso grupo quanto a nossa cidade em outros locais da Bahia. Fazemos também um trabalho social em um bairro violento e acreditamos que com a capoeira podemos tirar vários adolescentes da marginalidade. Como já tiramos

9. Quais as principais viagens que o grupo do Oásis tomou parte? Fale sobre uma dessas experiências.

A segunda viagem pra Espanha foi marcante, já usávamos o nome Oásis, foi uma grande responsabilidade pra gente chegar lá e mostrar a nossa capoeira e nossa filosofia. Eu era louco pra conhecer o Mestre Suassuna e um dia eu fiz essa viagem e pra mim foi muito gratificante chegar e conhecer o Mestre e ele ficar admirado com a capoeira que o grupo Oásis demonstra.

10. Fale de alguma experiência marcante que teve no grupo.

São tantas. Outro dia eu tava em uma praça vendo um show veio um menino me agradecer, disse que o que eu tinha ensinado eu ensinei tão bem que ele já tava em outro esporte, no caso uma luta, e ele disse que agradece tudo pelos treinos que ele fez comigo na capoeira.

Outra é que muitos dos meus alunos me têm como um pai, outros como um irmão mais velho, pessoas que eu tenho no grupo que reconheço e tenho admiração e vejo que eles também têm por mim, então são essas coisas.

Alunos que vão embora, saem do país, no dia que volta na cidade me procura pra falar comigo, outros que conheci ainda criança hoje já são pais e falam comigo e

eu sem reconhecer e eles vêm me dizer que treinaram comigo ainda criança. Hoje ainda tenho uma grande surpresa que é a professora de odontologia de minha filha, que eu dando aula pra filha dela, depois ela me fala que foi minha aluna ainda quando criança, então são essas coisas que marcam a vida da gente.

11. Como se dá a comunicação dentro da roda? Fale de músicas toques e sinais.

Primeiro é no toque do berimbau que o capoeirista tem que ouvi o toque e entender que é a hora que tá tirando ele da roda, tem os sinais nos olhares, que quando vê que o jogo tá apertado pra evitar uma confusão a gente olha e dá o sinal pra que outro capoeirista interfira naquele jogo, comprando o jogo pra que não haja confusão. As cantigas que diz as pessoas que estão chegando quem é que tá ali, os improvisos quando o jogo aperta, exemplo: “escorregar não é cair” é quando o cara toma uma rasteira, “urubu cochilou na galha do pau” é quando o movimento pega no outro e outro não percebeu que o pé tava chegando. Um “iê” um grito na roda de capoeira é que o movimento vai entrar, mas é uma coisa que só pra quem é capoeirista pra entender aquelas coisas todas que a gente faz.

12. Fale um pouco sobre os instrumentos presentes numa bateria.

Conta a história que na Roda de Capoeira colocaram vários instrumentos, mas os antigos dizem que destes instrumentos todos a capoeira não aceitou então ficou só pra capoeira angola o agogô, reco-reco, pandeiro atabaque e berimbau e na regional que Mestre bimba tirou ficou só dois pandeiros e um berimbau.

13. Todo grupo de capoeira a pratica da mesma forma?

Não. Cada pessoa, cada mestre, cada professor ele tem o jeito dele, a maneira de tocar a bateria então pra cada um tem um jeito, a capoeira não tem uma regra, você pode usar o tambor no direito como pode no lado esquerdo e começar a roda com uma bateria e de repente muda a bateria, no caso você tocando três berimbaus, aí no finalzinho você tira dois berimbaus, tiras os outros instrumentos e só deixa o pandeiro e aí faz o jogo mais puxado. Cada um tem seu jeito.

14. Quais as características gerais e específicas a seu grupo?

Uma das coisas é o jogo, e o respeito com o parceiro que tá no jogo, eu já vi muita gente falar que a gente faz o jogo, entra e sai e sem tocar em ninguém, me chamam de bailarino, mas é porque eu faço meu jogo de acordo a cada um, é o que eu gosto de fazer é entrar e sair e não tocar em ninguém. Eu acredito que a capoeira não precisa tocar, nem bater, nem fazer nada que possa mexer com a integridade física e moral de outros.

15. Qual a contribuição do Oásis para Feira de Santana?

É complicado pra dizer. Quando eu falei que eu queria conhecer o Mestre Suassuna e depois que a gente conhece o Mestre Suassuna ele me pergunta de onde eu sou e eu digo que sou de Feira de Santana e ele diz “mas, eu ouvi dizer que em Feira de Santana só tem dois capoeiristas” eu falei “tanto mentiram que o senhor tá me vendo aqui” e a contribuição é que não só eu, mas como outros mestres de capoeira que levam o nome da cidade pra o exterior e pra outros estados do Brasil.

16. Como era a capoeira em Feira?

O pessoal conta que a capoeira de Feira não tinha grupo então a pessoa treinava dentro do mato, escondido. Os capoeirista não queriam que ninguém soubesse que eram capoeiristas e então contam os antigos que quando existia a linha de trem eles jogavam capoeira em uma estação saia correndo quando o pessoal ia embarcar no trem, saia correndo trocava de roupa pelo meio do caminho e faziam outra apresentação em outra estação de trem. Pra ganhar dinheiro. E aí o jogo era mais duro era bem apertado de tocar e tira sangue, mas não era nada de briga era que na época eles entendiam que a capoeira tinha que ser daquele jeito então a gente conhece muitos aí que não tem dente na boca que era de um pontapé de capoeira, que tem nariz torto e eram poucos que se aventuravam a entrar em uma roda de outro

Hoje ficou tudo mais fácil, capoeira entendeu, capoeira virou profissão. Aí hoje entende que ninguém pode machucar que ninguém porque no outro dia o cara que trabalhar então você faz uma apresentação, convida dois, três, quatro grupos e pra sua surpresa tem cinco, seis, sete e sem atrito e os eventos de capoeira hoje todo mundo vai, ninguém bate em ninguém, mudou muito.

PROFESSOR MIKÃO

1. Perfil do entrevistado

- 1.1. **Nome:** Eduardo Willian de Souza Matos
- 1.2. **Nome de Capoeira:** Mikão
- 1.3. **Idade:** 39 anos
- 1.4. **Tempo de Capoeira:** 26anos
- 1.5. **Graduação (capoeira):** Professor de segundo estágio (corda branca e Amarela)
- 1.6. **Formação (profissional):** Educador Físico

2. Quando começou a fazer capoeira e qual a sua principal motivação para praticá-la? Diga outras.

Comecei a prática com 12 anos. Eu vinha pra rua com meus pais e tinha a roda no Mercado de Arte todo sábado, eu tinha curiosidade, passava com minha mãe, mas ela não parava, dizia que era coisa de vagabundo. Eu sentia algo que me atraía, a musicalidade, as acrobacias, as piruetas. Eu via a capoeira como uma forma de liberdade de expressão. Eu percebi que dentro da roda de capoeira a gente era livre.

Eu fazia a capoeira escondido, por que a discriminação era muito naquela época, minha própria família dizia que era coisa de vagabundo, de marginal, pelos meus pais eu faria karatê, mas eu nunca me identifiquei. Meu primo fazia capoeira em um bairro vizinho, ele tinha um amigo que começou a dar aula nos finais de semana e aí meu primo me chamou e eu comecei a ir treinar escondido.

3. Quando entrou para o grupo Oásis? Por que o escolheu?

Minha mãe descobriu que eu tava fazendo capoeira e foi conversar com minha tia e resolveu me levar na sede do rapaz que treinava a gente, como a capoeira era marginalizada, ela só me levou duas vez e depois me tirou. Passei alguns meses parado. Eu via um vizinho saindo de abadá¹⁴ e aí comecei a me aproximar dele aí fui e falei com minha mãe e minha mãe conversou com a mãe dele e aí eu comecei a ir pra o mestre Nonato, pra Associação de Capoeira Filhos de São Francisco. O meu mestre era professor de lá, era aluno formado e aí a gente treinou lá juntos até que Ronnie montou um espaço pra ele aí Vitor falou que ele tava aula numa academia

¹⁴ Uniforme de capoeira

chamada silhueta e aí a gente foi treinar com Ronnie. Daí ficamos lá um ano, aí o mestre saiu e foi pra outra academia, chamada academia da praça e fundou o grupo Oásis que no início chamava Axé capoeira. De lá pra cá a gente veio acompanhando ele e acompanho até hoje.

4. Quantos grupos de capoeira de Feira de Santana você conhece?

Existem vários. Muita gente tá virando professor e tão querendo ser seu caminho, mas de mestre antigo na cidade eu conheço os Filhos de São Francisco que é um dos mais velhos de nossa cidade, praticamente todo mestre de Feira de Santana de Santana foram crias do Mestre Nonato, tem o Mestre Gago que é do ACDA- Associação de Capoeira Dois Antonio, tem o Mestre Bigode. Tem o Mestre Kel, que se eu não me engano foi o primeiro mestre a ser formado por Nonato e tem Mestre Kbeça¹⁵ que é a geração mais nova. Esses são os grupos mais antigos na cidade.

5. Como era a roda do Mercado de Artes?

Era lá dentro, colava Cláudio, colava Gago, Nazinho, Jó, juntava todo mundo e ia, era massa!

(Contribuição M. Ronnie). Tem uns 50 anos, A roda do Mercado de Artes era chamada de Roda do Mercado do Fato, foi criada pelo Mestre Bigode que era aluno do Mestre Nonato.

6. Fale da trajetória do grupo.

Então, o grupo Oásis foi fundado em 1996, pelo Mestre Ronnie, na época ele não era mestre ainda, era professor. Junto com ele tava professor Valdilson e Professor Neto Bola. Hoje o professor Valdilson não tá mais presente, mudou da cidade, não pratica mais. Mestre Ronnie leva o Oásis até hoje começou quando ele saiu da Silhueta, ficamos sem espaço e a gente foi treinar no campo da horta e na praça da matriz, lá nas taboas, até que a gente conseguiu o espaço na praça, ficamos em média 8 anos com o nome de axé até que dois alunos do mestre foram pra Espanha, que levaram o nome axé, mas quando chegaram lá já existia um grupo axé registrado que é do Mestre Barrão, a sede é aqui no Ceará, mas existe em vários países do mundo. Os meninos sofreram muito por causa do nome, os meninos passaram um ano com o nome de axé até que o mestre decidiu trocar quando voltou. Oasis por que significa terra fértil no deserto.

7. Que papel a capoeira desempenha em sua vida e que funções podem assumir de modo geral?

¹⁵ Associação de Capoeira Dois Antônio

É estranho falar, não sei se vão entender, mas a capoeira é minha religião. Diferente do que muitos falam que a capoeira tem a ver com a religião, não tem, o que eu quero dizer é que dentro da capoeira o contexto geral da formação a musicalidade ela me faz esquecer os problemas faz com que eu saia de si, fico doido, fico normal, fico mais doido do que eu já sou, pra mim ela é fundamental. Hoje eu tenho consciência de que muita coisa que eu aprendi na vida foi a capoeira que me ensinou, respeitar o próximo, a autoconfiança a capoeira é minha religião nesse sentido.

De modo geral ela tem a função de construir a cidadania, ela agrega valores o respeito ao próximo, ao mais velho, a questão da hierarquia, nos disciplina, a gente leva isso pra dentro de casa com nosso pai e nossa mãe, enfim, agrega valores em nossa vida. Ela transforma a vida.

Eu nunca gostei de estudar, mas pela capoeira eu desenvolvi o gosto pela Educação física, foi a capoeira que me despertou a curiosidade em relação à educação física a vontade de me formar. Até nisso ela me ajudou.

8. Qual a sua reação e dos capoeiristas do grupo quando a capoeira foi reconhecida como patrimônio nacional? O que isto significa?

Para a gente foi uma vitória e tanto, foi comemorada mundialmente. Foi uma vitória de muita alegria existiram rodas em todos os lugares.

Se a gente olhar a história da capoeira ela é muito sofrida, assim como a história dos negros, ela vem com os negros, eles criaram no período da escravidão, era um período de muita opressão.

9. Há um reconhecimento do grupo Oásis pela sociedade local (Feira de Santana)? E fora? Onde?

O grupo Oásis já tem uma aceitação muito forte e importante dentro de nossa cidade. É um grupo que já existe a 22 anos. De dentro dele saiu vários capoeiristas. Hoje o Oásis desenvolve um trabalho dentro de escolas públicas e privadas e importantes da cidade. Desenvolve trabalho social em um bairro muito violento da cidade é um grupo que não visa o dinheiro visa o lado social do ser humano, eu já tive a oportunidade de ir lá é um trabalho muito bonito do Mestre. Como também em condomínios da alta sociedade, academias, hoje a gente já tem a nossa sede própria.

E fora da nossa cidade ele é bastante conhecido, mundialmente, o nosso mestre já foi três vezes na Espanha e continuará indo e assim e aí toda época de evento ele vai, os meninos fazem mas o evento é do mestre, o mestre toma conta o

evento é do Oasis e com isso acaba sendo reconhecido por vários capoeiristas da Europa porque da bastante gente de outros países. Dentro do Brasil nós viajamos pra rodas e oficinas em cidade circunvizinhas e hoje é bastante conhecido e respeitado pela postura do mestre e de seus alunos, ele passa seu lema pra nós que é gentileza gera gentileza. O mestre presa muito a integridade física de qualquer capoeirista, é proibido aplicar o golpe pra machucar.

10. Quais são as práticas atuais do Grupo Oásis, além dos treinos?

O grupo Oásis ele tem um trabalho forte não só com capoeira mas também com cultura, tanto o mestre quanto alunos do grupo buscam desenvolver várias atividades voltadas para a cultura como: samba de roda maculelê, que foi criado em Santo Amaro, é uma dança com paus, bastão ou facão. Com grimas, não pau. A gente busca outros lados, tem aluno que faz dança e traz pra gente, flexibilidade, alongamento e agrega pra o desenvolvimento do nosso corpo. Tem o projeto também verão da capoeiragem que já é o terceiro ano, é desenvolvido em prol da capoeira da cidade o grupo Oasis foi idealizador mas é para todos foi feito para unir os grupos. É um grupo que se preocupa com a questão do estudo, da leitura, o mestre já pega no pé, ele prioriza o estudo até depois de grande, a gente tem a nossa biblioteca com literatura voltada pra capoeira e cultura estimula o aluno a desenvolver a leitura

11. Quais as principais viagens que o grupo do Oásis tomou parte? Fale sobre uma dessas experiências.

As principais viagens do grupo foram pra Europa, tanto o Mestre quando outra aluna já teve a oportunidade, Verônica, Professora Cansada, é bom porque tá levando o nome do nosso grupo pra o mundo o nome do nosso mestre e não deixa de levar o nome da cidade. E a que eu vivi, tem um evento chamado “Capoeirando”, em Ilhéus, é idealizado pelo mestre Suassuna. É um encontro mundial.

12. Explique a dinâmica da comunicação dentro da roda, músicas toques, sinais etc.

A roda de capoeira tem seu ritual. Dentro do grupo Oásis a gente inicia com a ladainha o louvor que é uma história cantada não importa o tempo ladainha é uma história cantada, no toque de angola. No final da ladainha tem o louvor que é quando entra o coro que é como um refrão. Nesse momento as capoeiristas estão lá agachado no pé do berimbau escutando o toque, ouvindo a história. É a preparação pra o jogo. Em seguida entra outro tipo de cantiga que é o corrido que é quando cantam um verso e os outros repetem ou se dividem e o cantador canta uma parte e

a galera completa. E depois inicia o jogo da roda, que é quando a pessoa que tá no berra boi que é quem comanda o ritual da roda, isso é coisa do fundamento da roda, geralmente quem fica é o aluno mais velho ou o mestre, sempre os mais graduados por ter mais tempo e saber o que fazer, então a pessoa que tá nele abaixa o berimbau que a forma de dizer “vamo pro jogo”

13. Fale um pouco sobre os instrumentos presentes numa bateria.

Na bateria do nosso grupo a gente utiliza, a nossa capoeira é aquela que a gente tenta preservar de lá do tempo da escravidão, que é uma mistura e a nossa bateria é composta dos três berimbaus, o pandeiro e o atabaque, cinco instrumentos. A gente toca os toques tradicionais, a gente quase que não usa os toques de bimba, a gente toca angola e são bento grande e são bento pequeno. O angola é no início da roda, o médio faz são bento pequeno e a viola tá sempre na variação e depois muda, a gente tem que ficar atento no gunga porque não vai parar sempre e aí a gente tem que tá atento porque a gente vai tocar são bento grande também.

Na angola o pessoal utiliza reco-reco agogô pandeiro os três berimbaus e o atabaque que varia a depender da escola. Oito instrumentos, eu já vi com outras coisas, como era antigamente que cada um levava o que tinha em mãos

Na regional, de mestre bimba é só um berimbau entre dois pandeiros.

14. Todo grupo de capoeira a pratica da mesma forma? Quais as características gerais e específicas a seu grupo?

Não. Cada grupo tem sua forma de montar sua bateria, cada um tem seu estilo, uns gingam mais alto outros mais baixos, vai do mestre do que ele aprendeu e vai passar.

A gente não pratica nem angola nem regional. Uma específica da gente preserva a capoeira na essência de dança e de luta, comparo com a dos escravos, é uma luta disfarçada de dança, quando sabe parar o movimento pras não dar pancada até porque os senhores de engenho não podiam descobrir que era uma luta, guardava a pancada pra quem devia dar. Em geral utilizamos três berimbaus, a contextualização da roda tá no fundamento.

15. Qual a contribuição do Oásis para Feira de Santana?

Uma pena o poder público não ver a importância. O Oasis tá sempre viajando inclusive para o exterior, quando a gente vai a gente leva o nome do mestre do Oasis e da cidade temos um papel muito importante na divulgação da cidade.

Tivemos cinco europeus só na metade do ano passado aqui em feira só por que conheceu Ronnie e Vel.

VINÍCIUS DE CAMPOS

1. Perfil do entrevistado

- 1.1. Nome: Vinícius de Campos Santana
- 1.2. Nome de Capoeira: Vinicius
- 1.3. Idade: 31anos
- 1.4. Tempo de Capoeira: 8 anos
- 1.5. Graduação (capoeira) estagiário / Azul e Amarelo
- 1.6. Formação (profissional) Contador

2. Quando começou a fazer capoeira e qual a sua principal motivação para praticar a capoeira? Diga outras.

Comecei a capoeira em 1997 em um projeto social que havia aqui no bairro, motivado pelos amigos. Fiquei dos 10 aos 12 anos de idade. Depois que me formei voltei para a capoeira e nunca mais saí.

3. Quando entrou para o grupo Oásis?

Depois que me formei na faculdade encontrei Ronnie com roupa de abada no meio da rua, aí perguntei os dias e onde era, aí na outra semana estava lá. Isso foi por volta de abril de 2011.

4. Quantos grupos de capoeira de Feira de Santana você conhece? E se tem em todos os bairros de feira de Santana

Conheço uma grande maioria, por volta de uns 30. Tem bairro que ainda carece dessa atenção. Mas tem alguns pontuais que vem consolidando a cada ano que passa e os mais conhecidos continuam se mantendo

5. Fale da trajetória do grupo.

A gente já tá aqui há 8 anos. O Grupo surgiu quando o mestre Ronnie resolveu caminhar sozinho e fundou o grupo AXÉ. Começamos com o Axé, mas quando cheguei aqui para a casa já era OÁSIS

6. Que papel a capoeira desempenha em sua vida e que funções podem assumir de modo geral?

Pois então como não professo nenhuma religião a capoeira preenche meu estado de espírito e toda vez quando não me sinto muito legal é pra lá que eu vou e ela que me sinto bem. Jogando, me divertindo e as vezes a gente acaba se perdendo ou se

encontrando. Eu acabo levando mais a capoeira para minha vida do que minha vida para capoeira. É impressionante dos lugares que eu vou sou mais conhecido por capoeira. Engraçado que quando novo, a gente faz a capoeira por distração, mas quando a gente entende o significado dela, acaba percebendo que ela te completa. Enquanto criança você só se diverte, quando adulto, vê e a entende como mola propulsora para você cuidar de sua própria saúde. O corpo pede o corpo necessita, então a gente se alimenta da capoeira. Nesse sentido de trazer benefícios para o corpo e mente. Eu por exemplo, esqueço do mundo a minha volta.

7. Qual a sua reação e dos capoeiristas do grupo quando a capoeira foi reconhecida como patrimônio nacional? O que isto significa?

Isso foi muito bacana que quando a gente vê a história da capoeira XVIII, XIX e XX. Isso é muito bacana. Mas ao se tratar como patrimônio a gente percebe que aqui em Feira de Santana tivemos alguns encontros pontuais que mobilizaram a cidade, conseguimos reunir vários capoeiristas de vários grupos para debater a importância da capoeira, esse reconhecimento é muito importante, pois quando se fala em patrimônio imaterial a gente consolida a arte e isso é muito importante. Por que ao levar a capoeira para o mundo a gente percebe que, sim, ela é patrimônio e ela é brasileira. Foi nesse espaço que nasceu e a gente mostra a identidade e não deixa a mercê de quem quiser

8. Há um reconhecimento do grupo Oásis pela sociedade local (Feira de Santana)? E fora? Onde?

A capoeira Oasis de certa forma é referência em Feira de Santana a gente percebe isso quando a gente sai e visita outros grupos. A gente é sempre bem recebido. O mestre Ronnie é muito bem querido nos lugares. O fruto dado pelo Oásis ultrapassa barreiras e é muito bom saber que tem aprendizes do Oasis na Europa. Aqui a gente percebe que conhece a Bahia através do Oásis e as pessoas fazem questão de nos ter presente e o Oásis sempre se faz presente quando pode.

9. Quais são as práticas atuais do Grupo Oásis, além dos treinos?

Aqui no grupo Oasis a gente tem os treinos, é claro, tem as rodas, tem oficina de maculelê. Temos projetos pontuais durante o ano que são os eventos. Tem o verão da capoeiragem para que a capoeira não pare durante o verão. A gente movimenta a cidade, a gente vai para praça pública e lá desenvolve essa atividade para dar vitrine ao grupo. Além da oficina de maculelê temos o samba de roda, entre outras coisas também que acompanham a capoeira.

10. Quais as principais viagens que o grupo do Oásis tomou parte? Fale sobre uma dessas experiências.

Como eu falei, como a gente viaja a Bahia toda ficam alguns eventos pontuais e que ficam na memória da gente. Feira de Santana como sempre é muito legal. Quando a gente vai para vitória da conquista acaba percebendo que viaja 500 km só pra jogar capoeira é uma paixão que te move e te faz viajar ao extremo para poder jogar capoeira, então a gente tem viagens inesquecíveis como para Serrinha celeiro de ótimos capoeiristas. A gente tem referência em Muritiba e cachoeira

11. Fale de alguma experiência marcante que teve no grupo.

Agora eu vou falar de Vinicius a experiência mais marcante que tive foi quando minha filha de seis anos pegou o cordão, isso para mim foi maravilhoso. Ela treinava com a professora Vel do grupo Oasis, e aquele evento para mim foi muito especial. Ela brincava comigo em casa, mas não tinha o ânimo de estar sempre na capoeira. Aquele ano ela treinou muito bem e aquele evento foi muito especial

12. Explique a dinâmica da comunicação dentro da roda, músicas toques, sinais etc.

Sim claro, depende de quem está do lado de fora se forem pessoas que você gosta que tão ali para cuidar de você, elas acabam de dando alguns toques apesar de que você não desvencilia do jogo e não receba o que não é seu. Comunica sim. Alguns sinais são feitos e você percebe se deve continuar ou não na brincadeira

13. Fale um pouco sobre os instrumentos presentes numa bateria.

A roda de capoeira ela composta por três berimbaus, dois pandeiros e um atabaque, um agogô, um reco-reco e cada um traz um significado. Iniciando a bateria pelos berimbaus, ali naquele momento a gente tem um gunga, um médio e uma viola, cada um com seu significado naquele momento. O gunga inicia a marcação na entoada nos cantos e das musicas o médio tem a função de dar suporte ao gunga e de certa forma introduzir alguns tipos de repiques par que o suingue fique mais bonito e a viola, ela trabalha forma solo, bem sozinha ali no sentido de repicar e dar um tcham a mais na bateria dos berimbaus, eles se completam. Quando você vai na composição do atabaque ele vem marcando com um toque que acompanha a bateria. E os dois pandeiros é pra complementar. Já o agogô e o reco-reco são para você viajar bem no toque ijexá.

14. Todo grupo de capoeira a pratica da mesma forma? Quais as características gerais e específicas a seu grupo?

Pois então, o bom da capoeira é isso por que todos os grupos não praticam a capoeira da mesma forma. E isso é muito bacana cada evento que você vai, cada aula que você vai tomar, cada aprendizado que você vai ter com professores diversos, você vai entender que a capoeira é vista de outra forma e ela é praticada de outra forma. A gente tem o viés de dar nossa particularidade. Quando a gente vai ensinar e isso é muito bacana a gente percebe que a capoeira não é uma no sentido de todos praticarem na mesma forma. Mas a gente vê que a metodologia utilizada que tem nos golpes, claro que, eles são técnicos, aí sim, mas na prática em si dos treinamentos, do jogo, da roda. Elas não são, são praticadas de forma bastante diferente em cada grupo. Já no sentido do Oasis e de forma geral a gente percebe o seguinte, que o estilo que mais me identifiquei de todos os lugares que vou de capoeira, que é muito legal. A gente pode entender que a capoeira ela contém diversas formas, a gente percebe que a natureza maior da gente vem do recôncavo da Bahia, a gente não se denomina nem capoeira regional, nem capoeira angola e nem contemporânea. A gente é muito da capoeira do recôncavo que foi a capoeira que o mestre aprendeu que é o que ele passa pra gente.

15. Qual a contribuição do Oásis para Feira de Santana?

O Oasis no sentido de contribuição cultural ela é muito importante, pois você percebe que na andança do Oasis como um grupo de resistência em feira de Santana, ele traz sim um ponto cultural ele não deixa a capoeira se perder, e todo momento que estamos participando de eventos assim, de porta para fora, ele esta levando a cultura da Bahia e levantando a bandeira da capoeira, ta valorizando aquilo que muitas pessoas não valorizam por que não conhecem ou não valorizam por acharem que é coisa de preto, pobre, que capoeira é isso ou capoeira é aquilo. A capoeira tem um significado muito amplo e a cidade tem que reconhecer.